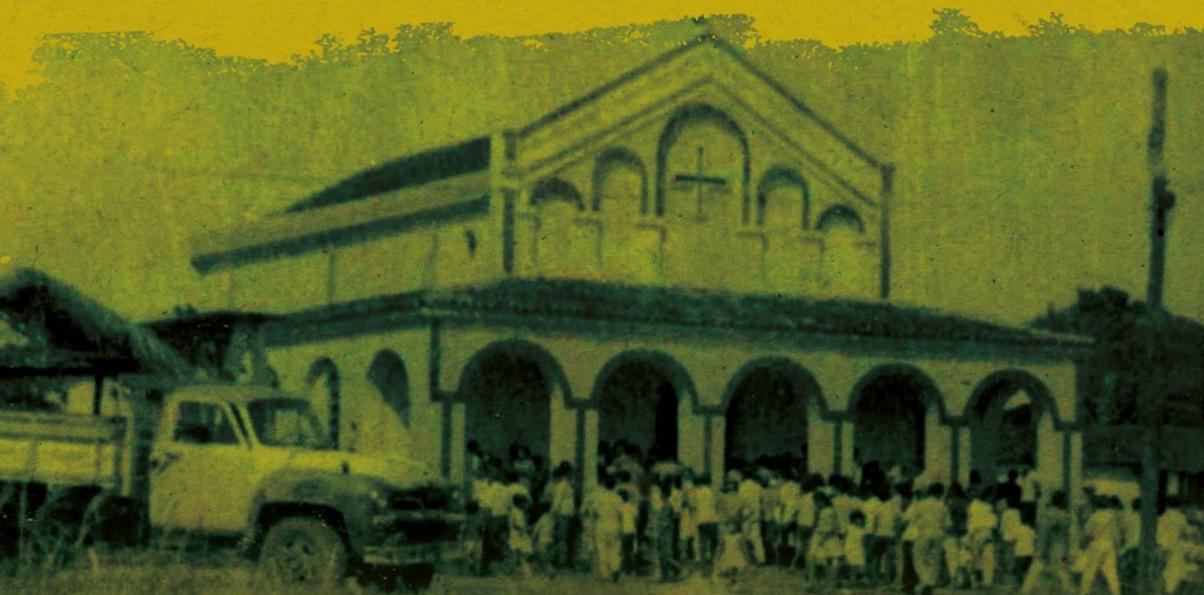


INVENTÁRIO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DE ITAPURANGA

(IRCI)



Valtuir Moreira da Silva
Lucas Pires Ribeiro
Luana Nunes Martins de Lima

(Orgs.)

Volume I

Inventário das Referências Culturais de Itapuranga (IRCI)

Volume I

**Valtuir Moreira da Silva
Lucas Pires Ribeiro
Luana Nunes Martins de Lima
(Organizadores)**

Inventário das Referências Culturais de Itapuranga (IRCI)

Volume I



MINISTÉRIO DA
CULTURA




Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Valtuir Moreira da Silva; Lucas Pires Ribeiro; Luana Nunes Martins de Lima [Org.]

Inventário das Referências Culturais de Itapuranga (IRCI). Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 107p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1547-1 [Impresso]
978-65-265-1535-8 [Digital]**

DOI: 10.51795/9786526515358

1. Cultura. 2. Memória. 3. Itapuranga. 4. Saberes. I. Título.

CDD – 370/990

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Agradecimentos

Agradecer é um ato sublime de reconhecimento e gratidão pela participação e realização do que consideramos, primeira etapa do projeto das Referências Culturais de Itapuranga, mesmo porque somos um grupo de professores e acadêmicos que se dedicaram a pesquisar a história dos humanos no município de Itapuranga.

Aos Professores Doutores Lucas Pires Ribeiro e Luana Nunes Martins de Lima que se somaram na empreitada de fazer referenciar os bens da cultura material e imaterial de Itapuranga, tudo no sentido de somar nossos esforços para um projeto bem longo.

Aos acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, do Curso de História que deixaram um importante acervo e legado que narrou e trouxe para o centro do debate a História de Itapuranga em suas diversas matizes. Gratidão: Danielle Cristiana J. Nunes, Tatiane da Silva Castro, Maria do Socorro Araújo Toledo, Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues, Leonardo Silva Firmino, Carmem Silvia Ferreira da Silva Reis, Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus.

Aos professores e egressos da Universidade Estadual de Goiás Deborah Gondim Silva, Jordana Pereira de Moraes, Tátilla Roberta Sousa Santos Silva, Maria Rita Moura dos Santos e Marco Antônio Câmara de Sousa que integram o grupo de trabalho da pesquisa sobre as Referências Culturais de Itapuranga.

Ao Professor Me. Claudio Tavares Pinheiro que se dedicou em fazer uma leitura atenta do material com um olhar “além do alcance” e que auxiliará aos interlocutores no processo de conhecimento e interpretação das referências pesquisadas neste Volume I.

Ao Ministério da Cultura – através da Lei Paulo Gustavo, à Secretaria de Cultura e Turismo de Itapuranga que disponibilizaram os recursos necessários para a execução e produção do Volume I das Referências Culturais de Itapuranga.

Lista de imagens

Imagem 1	Urna Funerária	p. 15
Imagem 2	Croqui de arruamento	p. 16
Imagem 3	Visão Praça Cunha Lima	p. 19
Imagem 4	Placa de identificação Praça Cunha Lima	p. 19
Imagem 5	Bar do Clóvis	p. 20
Imagem 6	Casas A Incendiária	p. 21
Imagem 7	Casa 3 Irmãos	p. 22
Imagem 8/9	Prédio Banco do Brasil	p. 23
Imagem 10	Lojas Riachuelo	p. 24
Imagem 11	Cerealista Isaac Hadid	p. 26
Imagem 12	Pensão Santo Antônio	p. 27
Imagem 13	Pensão Maria Camilo	p. 28
Imagem 14	Casa Dois Irmãos	p. 29
Imagem 15	Cinema Itapuranga	p. 30
Imagem 16	Primeira Cadeia – Café Canastra	p. 31
Imagem 16	Cadeia Pública de Itapuranga	p. 32
Imagem 17	Loja São João	p. 33
Imagem 18	Loja São João	p. 34
Imagem 19	Rua Geraldo Mariano (45)	p. 35
Imagem 20	Desfile Escolar	p. 36
Imagem 21/22	Bloquetes Rua 45	p. 37
Imagem 23	Armazém Ramos	p. 38
Imagem 24	Sapataria Silva	p. 38
Imagem 25	Bar do Napoleão	p. 39
Imagem 26	Armazém Ribeiro	p. 39
Imagem 27	Loja Sebastião Preto	p. 40
Imagem 28	Banco Bradesco	p. 41
Imagem 29	Feira Coberta Xavier André Mundim	p. 42
Imagem 30	Placa da Feira Coberta	p. 42
Imagem 31/32	Selaria Campos	p. 43
Imagem 33	Local da Primeira Panificadora	p. 44
Imagem 34	Primeiro Sobrado	p. 45
Imagem 35	Local onde fora edificado o Primeiro Sobrado	p. 46
Imagem 36	GO 230 – saída para Faina	p. 46
Imagem 37	Loca da antiga Fonte da Mina	p. 47
Imagem 38	Visão do local do primeiro Cemitério de Itapuranga	p. 47

Imagem 39	Prefeitura de Itapuranga e Fórum	p. 48
Imagem 40	Escola Mista Rural	p. 48
Imagem 41	Avenida José Muniz de Carvalho	p. 49
Imagem 42	José Rodrigues Coelho	p. 50
Imagem 43	Colheita de arroz artesanal	p. 51
Imagem 44	Carpideira animal	p. 51
Imagem 45	Ralador de mandioca	p. 52
Imagem 46	Balança	p. 52
Imagem 47	Capa livro registro de firmas comerciais	p. 53
Imagem 48	Abertura livro registro de firmas comerciais	p. 53
Imagem 49	Selo Federal	p. 54
Imagem 50	Registros das Firms no livro	p. 54
Imagem 51	Gêneros comerciais Itapuranga (1955-68)	p. 55
Imagem 52/53	Escola Cel. Virgílio José de Barros	p. 56
Imagem 54	Escola Estadual Zico Coelho	p. 57
Imagem 55	Colégio Estadual José Pereira de Faria	p. 57
Imagem 56/57	Escola Joaquim da Silva Moreira	p. 58
Imagem 58	Colégio da Polícia Militar José Alves de Assis	p. 59
Imagem 59	Colégio Estadual de Itapuranga	p. 59
Imagem 60	Construção Auditório Santos Dias	p. 60
Imagem 61	Primeiras paredes do Auditório Santo Dias	p. 61
Imagem 62	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga	p. 62
Imagem 63	Auditório Santos Dias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga	p. 62
Imagem 64	Daniel Antônio	p. 70
Imagem 65	Elza dos Anjos Parreira	p. 74
Imagem 66	José Teodoro	p. 78
Imagem 67	Divina Leonarda	p. 82
Imagem 68	João Basilio	p. 87
Imagem 69	Maria Fernandes	p. 92
Imagem 70	Orozilda Rodrigues	p. 97

APRESENTAÇÃO¹

“Há, portanto, uma memória coletiva, a qual se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade e permanência àquela classe.”

Os autores deste primeiro volume, Inventário de Referências Culturais do Xixá, tiveram a árdua tarefa em selecionar as edificações, monumentos e atores eternizados aos leitores e amantes da cultura itapuranguense. Um compêndio elaborado com inquietações teóricas e sociais, devido à riqueza do patrimônio cultural material e imaterial do Xixá, como é carinhosamente conhecida a cidade de Itapuranga. Ressalta-se, ainda, que a seleção apresentada não significa um esquecimento dos demais aqui não registrados ou menor importância dada a eles. Contudo, mister se faz dizer que suas histórias poderão ser materializadas nos próximos volumes.

A obra está dividida em duas partes, a primeira aborda o patrimônio material, trazendo vida às edificações e monumentos. O historiador Jacques Le Goff escreve que “a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja completamente esquecido (2003, p. 477”. Dessume-se desta citação, a relevância que essa obra traz em manter viva a memória da nossa gente por meio de registros patrimoniais. Por intermédio das imagens, datas e comentários este documento desconstrói a ideia da parte histórica da cidade ser o local do atraso, uma vez que relata a grande movimentação econômica, religiosa e social dentro de um passado muito próximo.

A segunda parte, voltada para o patrimônio imaterial, dá voz a homens e mulheres guardadores de imensuráveis tesouros de saberes e sabores produzidos em Itapuranga. Nesse sentido, Eclea Bosi (2003, p. 16) diz que “[q]uando se trata da história recente, feliz

¹ <https://doi.org/10.51795/9786526515358910>

o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!" Assim, reconhecendo a relevância deste Inventário, os atores partícipes produzem ativamente no seio da nossa comunidade elementos essenciais para a continuidade histórica, social e patrimonial de um povo necessitado de saber e de reconhecer o processo de sua construção.

Recomenda-se uma leitura atenta, acurada e deseja-se que cada leitor se identifique, em algum momento, com as passagens desta escrita. *'Quem já bebeu da água do rio Canastra'* se verá e se sentirá incluído nas histórias aqui materializadas. E, possivelmente, sem este Inventário, muitas riquezas da nossa terra se perderiam com o passar do tempo. Nesse ínterim, a obra colabora na conscientização de muitas pessoas. É necessário voltar o olhar para a preservação do patrimônio material e imaterial que ainda temos em nosso município.

Claudio Tavares Pinheiro

Sumário

Primeira Parte	13
Os bens da cultura material: edificações, monumentos e humanos	13
Por Valtuir Moreira da Silva	
1. Por onde começar?	13
2. Areia, cal, cacos, tijolos e a mão humana: edificações que são monumentos	18
3. As ruas, homens e animais: referências de um passado vivo	35
4. As referências culturais: monumentos que ensinam	45
5. Considerações finais	63
6. Referências	64
Segunda Parte	67
Cultura Popular: benzedeadas, quitandeadas, poeta e contadores de causas	67
Por Lucas Pires Ribeiro	
Apresentação	67
Daniel Antônio: um narrador artesanal	70
Elza Parreira: uma autora e contadora de causas	74
José Teodoro: um poeta popular no município de Itapuranga-GO	78
Divina Leonardo: uma benzedeadas na cidade de Itapuranga-GO	82
João Basílio: um benzedeadas na cidade de Itapuranga-GO	87
Maria Fernandes: uma benzedeadas no Distrito de Lages	92
Orozilda Rodrigues: a arte de fazer bolos e outras quitandas	97
Considerações finais	101
Referências	104
Sobre os autores e a autora	107

Primeira Parte

Os bens da cultura material: edificações, monumentos e humanos¹

Valtuir Moreira da Silva

1. Por onde começar?

Produzir um inventário das referências culturais de um território ou localidade é um desafio imenso. Neste sentido, indagamos: por onde começar? Resposta: são tantas referências, mas tínhamos que começar. Assim, frente aos desafios que dizem respeito às escolhas teóricas, metodológicas e de quais tradições culturais devem estar listados em um processo como este intentamos começar por representar as edificações e monumentos. Mesmo diante dos desafios que nos cercam estamos realizando tal empreitada por várias mãos e com apoio de fomento da Lei Paulo Gustavo, via Ministério da Cultura e, com o papel proeminente, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Itapuranga, estamos apresentando ao povo itapuranguenses e goiano um olhar desse passado em comum. Tudo se somam para que consigamos fazer chegar aos leitores e cidadãos um encontro da cultura material e imaterial, consigo mesmo.

Pensando assim é que procuramos formar um escopo das edificações/monumentos que fazem parte do passado do município de Itapuranga tornando-se um esforço que carece de muita sensibilidade e atenção. Assim, o inventário é uma escolha, que trata das construções em dar sentido e historicidade social para cada fonte que será listada. Importante entender que não se trata de uma

¹ <https://doi.org/10.51795/97865265153581366>

narrativa que tenha uma história linear, ao contrário, existe “um passado cheio de agoras”, como nos ensina Walter Benjamin (1994).

Enfim, o que conseguimos identificar com essas referências são lembranças, memórias, fazer mostrar os silêncios da cultura material e imaterial existentes. Todo nosso esforço foi demonstrar que esse passado da cultura material com os monumentos e edificações, além da imaterial, festas, comidas, saberes e sabores que estão carregados de sentidos e significados que muitos dos nossos leitores vão se encontrar e sentirem neles. Vamos iniciar nosso passeio pelas Referências Culturais de Itapuranga – a pedra bonita, em Tupi Guarani, como nos ensina Bariani Ortêncio (2009). Sejam bem-vindos!

Esse passado que tem sentido e materialidade está carregado com a presença humana que se fez dos povos originários que ocupavam as várzeas dos nossos rios que abastecem de água o nosso município, dando-nos a certeza de que foram os primeiros a deixar os registros culturais de nosso passado. As referências culturais de Itapuranga se representam como um inventário tal como uma urna funerária encontrada na região da Fazenda Boa Sorte, na propriedade do Simão Moreira (Simão da Uva). E que, segundo a arqueóloga Irmild Wust (1996), os povos originários que habitaram a nossa região são da cultura Guará e estão presentes em toda a municipalidade. Tal assertiva é parte do estudo de campo realizado pela professora Wust, na região de Guaraíta, com seus alunos da Universidade Federal de Goiás, quando constatou a presença humana nesta territorialidade por vários séculos antes mesmos dos pioneiros.

Visto assim, podemos afirmar que as referências culturais de Itapuranga não estão somente nas estruturas das edificações e monumentos que foram e continuam sendo visíveis aos nossos olhos na contemporaneidade, mas é fruto de longo passado que se representa nas trilhas do “sertão sem fim”, como narrado por Bariani Ortêncio (2000), demonstrando a presença dos humanos nesta região do cerrado e que se confirma em sua geografia.

Para demonstrar esse passado mais distante que se representa com os povos originários que ocuparam, viveram e socializaram às margens dos rios, riachos e águas temporárias, apresentamos uma importante fonte. São marcas e registros da presença dos humanos antes mesmo da chegada dos colonizadores e migrantes que passaram a ocupar o que denominamos de estado de Goiás.

A urna funerária que se encontra no Museu Nello Bononi, na Unidade Universitária da UEG em Itapuranga, legando-nos um registro datado com cerca de 850 anos, como salientado pela professora Irmild Wust, em trabalho de campo realizado na Fazenda Boa Sorte, na propriedade do Sr. Simão Moreira. Um importante monumento que narra a presença dos povos indígena em nossa região.

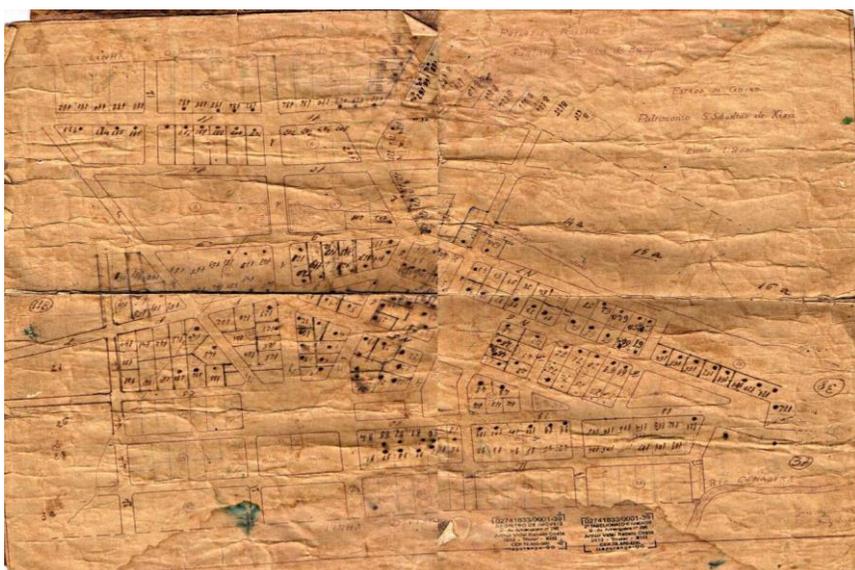


Urna funerária indígena
Museu Nello Bononi
Foto: Carmem Silvia Ferreira da Silva (2017)

Assim, referenciar a história de Itapuranga é fazer com que o povo se encontre com o seu passado de muita organização, luta e resistência e que nos possibilita encontrar e publicizar inúmeras

fontes que podem nos projetar para uma série de leituras. Leituras que são e continuarão com muitas lacunas, mesmo porque, quanto mais avançamos nas pesquisas e estudos vamos encontrar mais evidências de que a ação humana nesta territorialidade está carregada de muitas intervenções, construções, edificações e mudanças que sempre estiveram presentes com os debates sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais.

As referências culturais de Itapuranga nascem com esse legado produzido pela cultura Guará, onde podemos encontrar bens naturais e riquezas de nosso cerrado, com inúmeros registros das ações humanas como as peças de cerâmicas, o formato das aldeias e espaços sagrados representativos de um passado carregado de sua cultura. Todo esse acervo conta-nos um pouco desse passado que nos cerca e que aqui apresentamos na primeira versão possível das referências culturais e que se constituiu com os povos originários e o nascimento do Povoado São Sebastião do Xixá, como demonstrado no Croqui de arruamento encontrado no Cartório de Registro de Imóveis de Itapuranga, 2º Tabelionato em Itapuranga.



Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2013)

Enquanto fonte histórica para referenciar o passado da região de Itapuranga o Croqui representa o primeiro documento encontrado que marca os traçados das primeiras ruas, bairros e povoamento do que, hoje, é Itapuranga. O mapa de arruamento encontrado no Cartório de Registro de Itapuranga é uma leitura importante que serve de inspiração para pensar os bens da cultura material e imaterial. Esta fonte pode ser o marco zero (inicial) do “Patrimônio São Sebastião do Xixá”, com os traçados nascendo a partir da porta da Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. Que pode ser assim descrita: a Rua 45, no mapa, era a Rua 2; a Avenida Goiás foi a nossa Rua 1, e a Rua 26, que dá acesso ao Quebra Coco, era a Rua 3.

2. Areia, cal, cacos, tijolos e a mão humana: edificações que são monumentos

Após visualizarmos dois importantes documentos que trazem grandes registros das Referências Culturais de Itapuranga intentamos demonstrar como as edificações/monumentos foram sendo produzidos com areia, cal, tijolos e as mãos humanas. Fontes que serviram para muitas escrituras e estudos produzidos pelos acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Itapuranga, principalmente do Curso de História. Tal como narrado por Sousa; Jesus (2013, p. 38) descrevendo o local no qual podemos encontrar tais registros históricos. Assim, constataram que:

Os primeiros registros cartoriais eram realizados na Cidade de Goiás, cidade a que o povoado pertencia. Posteriormente, com a emancipação política, esses registros foram realizados no cartório da cidade. Os primeiros registros cartoriais realizados em Itapuranga datam de 1956 e, através deles, podemos perceber que era um comércio ativo e abundante. As principais ruas da cidade abrigavam a maioria dos pontos comerciais, e eram bem próximos. Nessa época o centro comercial da cidade situava-se na região conhecida popularmente como Xixazão e apenas alguns estavam situados na parte que se intitulara, posteriormente, de Xixazinho.

Com as mãos humanas, paralelepípedos e um traçado colonial nasce a Praça Cunha Lima, homenageando o médico que cuidou de muitas vidas – Cunha Lima na referência da Praça muitos olhares são produzidos. Pessoas andando, Café Canastra ao fundo, o antigo Hospital Cunha Lima (a esquerda) e uma iluminação subterrânea.



Fonte: Valtuir Moreira da Silva (s/d)



Placa de fundação da Praça Cunha Lima

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)

Por falar em tomar um café, fazer um lanchinho e algumas bebidas destiladas vamos referenciar o Bar do Clóvis e d. Divina. Um espaço de muitas sociabilidades, sabores e gostosuras que serviram para acolher muitos cidadãos da região e visitantes. Aliás, muitas crianças tomaram os seus primeiros lanches fora de casa nesse local. Pensa em um casal acolhedor. Para quem viveu e conviveu nesse passado, sabe quanto fora bem atendido no espaço gastronômico no Xixazão, em especial no Bar do Clóvis, como fora conhecido.



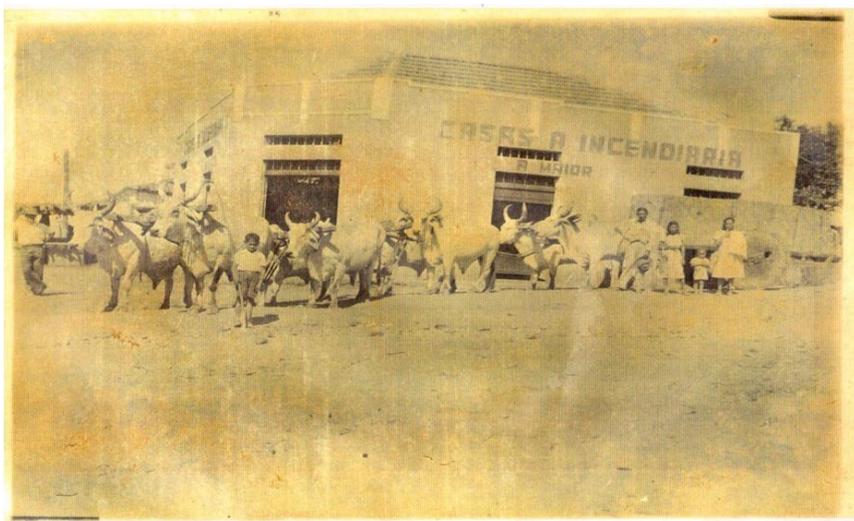
Bar do Clóvis, situado no Bairro do Xixazão

Foto: AMAX (Associação dos Moradores e Amigos do Xixazão) (s/d)

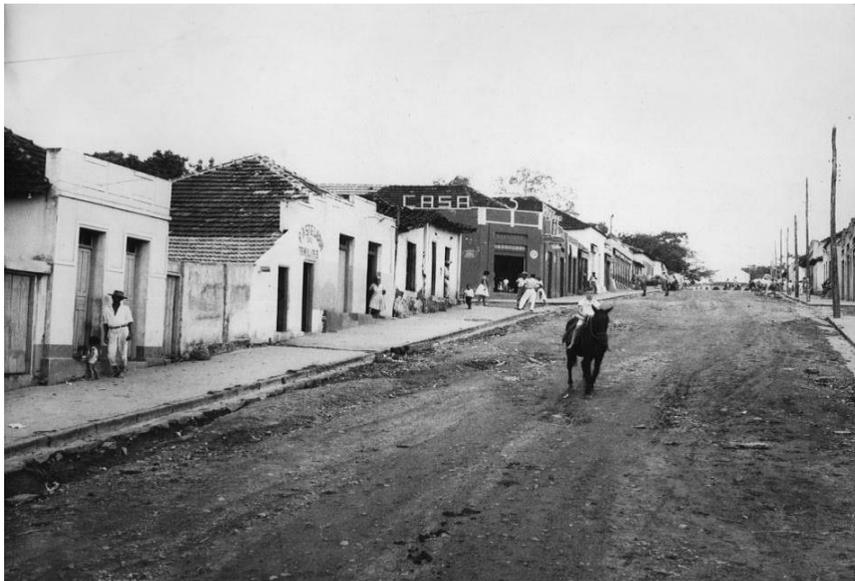
Como podemos constatar que o processo da conquista portuguesa trouxe consigo o ideal de que o progresso deveria partir da cidade, daí encontramos referências culturais do passado citadino entrecruzados com o mundo camponês. Aliás, o progresso se constitua com a chegada não somente dos homens e mulheres, mas dos comerciantes. Pontos comerciais que foram registrados em

imagens que nos foram legados para melhor compreensão de nossas referências. Para demonstrar algumas histórias vemos o que Sousa; Jesus (2013, p. 38), narraram sobre a “Casas A Incendiária”:

A “Casas A Incendiária” foi construída por volta do início da década de 1950, seu proprietário se chamava Sr. Francisco Quineti. Posteriormente o prédio foi adquirido pelos irmãos Camilo de Faria, ou seja, José Batista, Milton e Jadir que, ali, estabeleceram com uma loja de tecidos e calçados denominada “Casa Três Irmãos”. Um pouco mais tarde foi a primeira sede do Banco do Brasil, acolheu uma concessionária de automóveis e funcionou fábrica de pneus denominada “Grupo Papalégua” (Sousa; Jesus, 2013, p. 47).



Casas A Incendiária – meio de transporte mais usual na década de 1950
Foto: Valtuir Moreira da Silva



Casa 3 Irmãos

Rua Geraldo Mariano, hoje Rua 45 - Xixazão

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)

Importante registro são as diferenças de fachadas nas edificações que marcaram a história deste monumento comercial de Itapuranga. Primeiro as Casas a Incendiárias, Loja Três Irmãos, Banco do Brasil, Concessionária de Automóveis Itavel e, ao final do século XX, abrigou uma fábrica de pneus remoldados, conhecida como Papa Léguas. Transformação que se faz com a expansão imobiliária que mudou e continua a mudar as edificações e monumentos de nossas referências.



Local onde se estabeleceu a primeira sede do Banco do Brasil.

Rua: 45 esq. com a rua 34.

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Local onde se estabeleceu a filial das lojas Riachuelo.

Rua 45 esquina com a Rua 36

Fonte: Antônio Tavares (1994)

Nesta referência anterior vamos encontrar investimentos de empresários que trouxeram ideias de fora. Nesse edifício foi instalada a Loja Riachuelo, demonstrando que a pujança da economia de alimentos – arroz, feijão e milho – atraindo comerciantes de outros estados, que se tornara marca famosa Brasil afora, tal como narrados pelo senhor Marcelo Batista e Joseni Antônio, em entrevista à Sousa; Jesus (2013, p. 51) quando afirmam que:

havia uma outra loja próxima onde fora a “Casas a incendiárias”, “do lado de cima da Lojas Incendiária tinha a Loja Riachuelo, mas num ficô muito tempo não, logo foi embora, era ali na rua 34 esquina com a 45”. O Sr. Josení Antônio Mesquita, 75 anos, também cita essa loja: “em frente à farmácia São Pedro ali, abriu a Lojas Riachuelo, e depois foi embora daqui e nunca voltou mais.” Essa loja se instalou no município de Itapuranga em meados da década de 1950.

Na foto a seguir veremos outro importante comerciante de compra e venda dos alimentos produzidos pelos trabalhadores rurais da região. Era o comprador de mantimentos conhecido como Isac Hadid, um sírio que se estabeleceu na cidade de Itapuranga e se tornou um cerealista. Sousa; Jesus (2013, p. 53), traz uma memória do senhor José Mesquita dando-nos uma compreensão para tal empreendimento:

Por volta da década de 1950, foi construído um prédio comercial, em frente à Praça Cunha Lima. Neste local funcionou uma cerealista de um sírio, chamado Isac Hadid. Esse era um ponto forte do comércio de Itapuranga durante as décadas de 1950 e 1960. Ali os fazendeiros e produtores rurais negociavam, vendiam e compravam cereais. O Sr. Josení Mesquita relata-nos um fato engraçado, ocorrido há muitos anos:

Eu lembro de uma cena que não dá pra esquecer: um lavorista vendeu os cereais pra ele lá, pro Sr. Isac lá do outro lado, e ele tomou umas pingas a mais, e ele chegou e sentou ali na beira da rua, pegou e tirou aquele tanto de dinheiro do bolso e pôis dentro do chapéu assim e foi organizando assim aquele dinheiro, bêbado que só, uma cena que não esqueço de jeito nenhum, uma coisa que hoje não se dá pra fazer.



Armazém do cerealista Isaac Hadid
Foto: Antônio Tavares (1994)

O Distrito de Xixá fora crescendo em população, comércio e edificações. Nasce assim um ponto de apoio para os chegantes e passantes pela região. Em 1940 é fundada a Pensão Maria Camilo que acolheu em seus aposentos o, então governador, Otávio Lages (1966-1971), além de bancários, tropeiros e vendedores de mercadorias. Assim, Carmem Silvia Ferreira da Silva Reis (2017) narrou a importância e relevância da Pensão da Maria Camilo, ao afirmar que:

De igual relevância o prédio da Antiga Pensão Maria Camilo, consiste em um espaço vivo de representações da memória dos itapuranguenses, construído em meados da década de 1940 por Antônio Camilo do Nascimento, situado na Rua 36, nº 274, no bairro São Sebastião do Xixá, localizado no Xixazão, inicialmente chamava-se Pensão Santo Antônio, comandada por Antônio, sua esposa Emídia Camilo do Nascimento e seus quatorze filhos. Este prédio também tinha função econômica, política e social, pois era uma hospedaria, uma venda de produtos industrializados, comercializava refeições, sediava vários encontros políticos, seu

proprietário era um apreciador da política e por possuir um grande salão em suas dependências foi palco de várias representações sociais e festas dançantes embaladas por bandas e orquestras locais que duravam noites inteiras.



Antiga pensão Santo Antônio. Rua, 45, esq. com a 36. Prédio tombado como patrimônio para ser sede do Museu Histórico de Itapuranga
Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2018)

O Xixazão representa um importante espaço no processo social, econômico e político de Itapuranga. A imagem a seguir é um espaço que sediou muitas histórias em nossa municipalidade. O espaço da Casa Dois Irmãos, além de comércio, serviu como a primeira sede da Prefeitura de Itapuranga, posteriormente, serviu como o primeiro cinema. Assim, sugerimos um olhar atento nestas referências da arquitetura urbana de nossa cidade, com três imagens em sequência. Observemos a descrição de Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2014, p. 31):

Este prédio trouxe muitas lembranças boas aos nossos entrevistados. Desde quando era a “Loja Dois Irmãos”, uma espécie de armazém de secos e molhados que atendia a população do Xixá. Depois, provisoriamente, a Prefeitura Municipal do recém-criado Município de Itapuranga. Posteriormente, neste mesmo local, funcionava, em 1957, o “Cine Itapuranga”. Em novembro de 2013, este prédio foi

demolido para construção de casas residenciais, segundo informações do advogado e professor Antônio Tavares.



Casa Dois Irmãos, primeira sede da Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores.

Rua 34, esq. Com a 47

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Local onde funcionava o cinema Itapuranga. Rua 34, esq. Com a 47.

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)

Uma importante referência da cultura material em Itapuranga é nos legada na arquitetura da construção da primeira Cadeia Pública de Itapuranga. Como não dispomos de imagens que registrem o tempo passado, o registro será da construção atual. Sendo assim, diante deste hiato, no local onde fora as indicações da cadeia, hoje temos uma importante atividade comercial funcionando por várias décadas. Estamos falando do Café Canastra, outrora, conhecida como “torrefação de café”. Assim, descreve Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2014, p. 35),

Já o senhor Eurípedes expõe que: Naquela época matava muito. A cadeia era onde é o café canastra hoje, o povo não fugia com medo dos sordados. Quem acabou com a violência foi o Fenelon e o sargento Gordim. O charme era andar com um três oitão, facão, uma faca, uma carabina xuxada e um cavalo.



Local aonde fora a primeira Cadeia - Atualmente funciona a empresa Café Canastra. Rua 39-A, esq. com a 32.

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)

Nas memórias de alguns cidadãos essa primeira cadeia era muito improvisada e servia para deter os infratores de baixa periculosidade. Em data posterior, comprou-se uma casa que ficava na Rua 26, esquina com a 32. Foram feitas adaptações para servir como cadeia pública. Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues fazem uma importante descrição (2014, p. 35-36):

Com a extinção desta cadeia, foi comprada uma residência e adaptada para se destinar a tal fim. Há que se esclarecer, conforme informações do arquivo pessoal do senhor Antônio Tavares, que essas “adaptações” nada mais fora que a colocação de grades de ferro nas portas e janelas. Os quartos, transformados em “celas”, foram estucados com barrotes de aroeira para impedir a fuga dos presos.

Localizada na Rua 26, construída em 1964, funcionando até a construção da cadeia atual no Xixazinho.



Local onde se estabeleceu a segunda cadeia. Hoje funciona como residência.

Rua 26

Foto: Antônio Tavares (1980)

Um outro local que também se torna uma referência importante da presença relações comerciais em Itapuranga é o prédio onde hoje abriga a Biblioteca Municipal. Uma arquitetura que nos revela uma construção com traços da cidade como símbolo do progresso. Interessante que nas memórias de interlocutores essa edificação enquanto monumento serviu como loja comercial, espaço de dança, fábrica de creme de leite, comitê partidário e na contemporaneidade uma Biblioteca. Recorremos mais uma vez à pesquisa de Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues quando interpretam os sentidos e usos desta referência cultural de Itapuranga (2014, p. 41):

O senhor José Rodrigues Coelho relata que havia também no Xixá, uma lojinha que vendia de quase tudo, era a Loja “São João”.

Segundo Jornal “Cidade Ativa”, ano II, edição 21, setembro de 2010, essa loja “São João” era um comércio de tecidos, calçados, chapéus e armarinhos, pertencentes à família Laje, oriunda do Estado do Paraná. No final da década de 1950 a firma foi extinta, e o imóvel vendido ao fazendeiro Pedro Luíz Guimarães, pai do deputado Pedro Wilson. Mais tarde funcionou de tudo: salão de dança, comitê da UDN (União Democrática Nacional), depósito de creme de leite, armazém cerealista e, mais recentemente, [década de 1990] o DETRAN (Departamento de Trânsito).



Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)

3. As ruas, homens e animais: referências de um passado vivo

Inventariar as edificações e monumentos que marcam a história de nosso município é dar visibilidade aos prédios, ruas, praças e outros espaços que narram o processo histórico de Itapuranga. A seguir colocaremos em evidência algumas ruas, pontos comerciais, logradouros públicos, homens, animais e toda uma construção identitária que podem nos ajudar a compreender o processo de fazer chegar ao povo uma história que lhes pertencem. Vejamos os caminhos trilhados pela Rua 45.



Fonte: Danielle Cristina J. Nunes e Tatiane da Silva Castro (2013)

Como inventariar é uma escolha, a seguir continuamos com o nosso olhar na principal rua comercial e histórica de Itapuranga. A Rua 45, antes Rua Geraldo Mariano, representa muitas histórias, sentidos, sociabilidades e o lugar do povo na rua. Será uma diversidade de olhares e marcos históricos que (re)contam muitas histórias.

Como vimos no primeiro mapa de arruamento, os traçados das primeiras ruas nascem da localização da Igreja Matriz Nossa

Senhora de Fátima. Na imagem a seguir encontraremos muitas lembranças desse passado.



Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva, (década de 1980)

Como são de sociabilidades que a vida acontece, então, observemos os trabalhos de intervenção humana na Terra do Xixá (homenagem a árvore chamada Chichazeiro), como são perceptíveis tais mudanças. Os marcos simbólicos da ação humana poderão ser compreendidos com o olhar atento nas referências a seguir.



Calçamento da Rua 45 – trecho que vai da Rua João do Couto Rosa até a Rua 48 – 1961-1962

Fonte: Prefeitura de Itapuranga



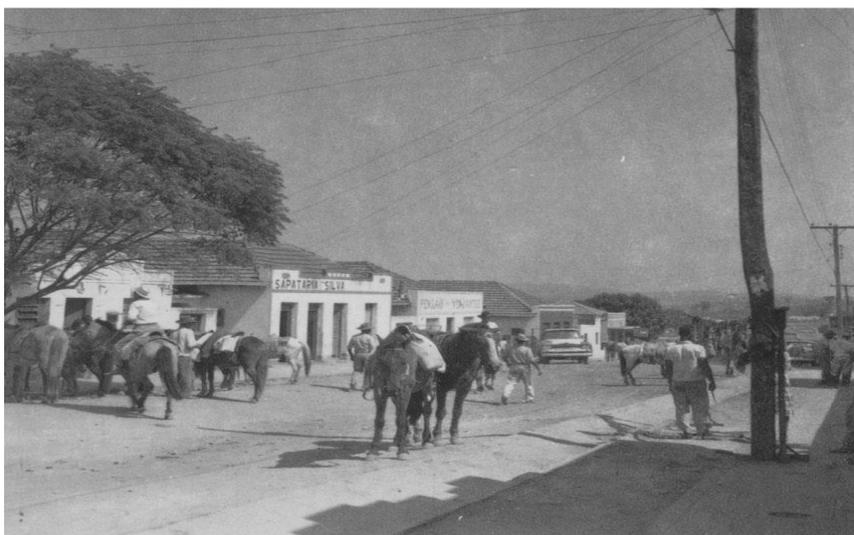
Calçamento da Rua 45 – trecho que vai da Rua João do Couto Rosa até a Rua 48 – 1961-1962

Fonte: arquivo Prefeitura de Itapuranga



Comércio Antigo. Denominado Armazém Ramos, localiza-se no ponto acima onde hoje funciona a TV e Som Eletrônica, na Rua 45

Foto: AMAX (Associação dos Moradores e Amigos do Xixão)



Itapuranga, em 1961, quando começou a desenvolver o comércio no município. Pode-se ver a quantidade de cavalos amarrados nas portas dos estabelecimentos.

Foto: Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)

Com o crescimento da população a partir do processo da migração mineira para o município de Itapuranga, iniciada em meados dos anos de 1940, a instalação de comércios na Rua 45, no Xixazão, fora uma constante. Vamos continuar nosso olhar.



Local onde funcionou o Bar do Napoleão
Importante ponto de encontro e comercial do Xixazão
Fonte: Valtuir Moreira da Silva, (2024)



Local do funcionamento do Armazém Ribeiro
Local de muitas compras e diversidade de mercadorias
Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)

Como espaço de sociabilidade para Rua 45 em relação ao comércio na edificação que fora modificada a seguir encontrávamos a Loja do Sebastião Preto, uma loja com diversidade de produtos, peças e até caixões poderiam ser comercializados.



Local onde funcionou Loja do Sebastião Preto
Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)



Local do Primeiro Cinema de Itapuranga; Banco Bradesco e hoje, funciona a sede do Lions Clube

Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva (2024)

Ponto de encontro comercial e muitas sociabilidades podem ser encontradas na Feira Coberta André Xavier Mundim. Fica na confluência da Rua 45 com a Avenida Anhanguera.



Carmem, Sílvia Ferreira da Silva (2017)



Fonte: Carmem, Sílvia Ferreira da Silva (2017)

O passeio continua pela Rua 45. Chegamos à Selaria Campos, Rua 40 esquina com a Rua 45, quando se transferiu, nos anos de 1970, para a esquina que fica em frente. A seguir, podemos visualizar aonde ainda funciona a Selaria, com o descendente da família Emilson Campos.



Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva (2024)



Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva (2024)

Nesta edificação a seguir fora construída a primeira panificadora de Itapuranga. O seu local de estabelecimento foi a Rua 40 esquina com a Rua 43-A. A cidade avança rumo às capitais – Goiânia e Brasília.



Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva (2024)

4. As referências culturais: monumentos que ensinam

A trilha que se segue vai por outras ruas, avenidas, logradouros públicos e alguns monumentos que representam o passado do mundo do trabalho no campo. Que tal iniciarmos visualizando a primeira obra com andares da cidade. Vamos agora para a Rua 36, no Setor Quebra Coco:



Primeiro sobrado construído em Itapuranga.
Este se localizava no bairro Quebra Coco. Rua 36.
Fonte: Antônio Tavares (s/d)



Foto do antigo local do Sobrado do Senhor Izoldino.
Fonte: arquivo Valtuir Moreira da Silva (2024)



GO 230 – Saída para o Distrito de Caiçara.
Fonte: Danielle Cristina J. Nunes e Tatiane da Silva Castro (2013)



Área que fica entre as Avenidas Olavo Bilac Marinho e José Muniz de Carvalho Local da Fonte da Tapuia

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



As dependências do lado direito da foto correspondem a área onde estava localizado o primeiro cemitério de Itapuranga.

Rua 41 esquina com Rua 24.

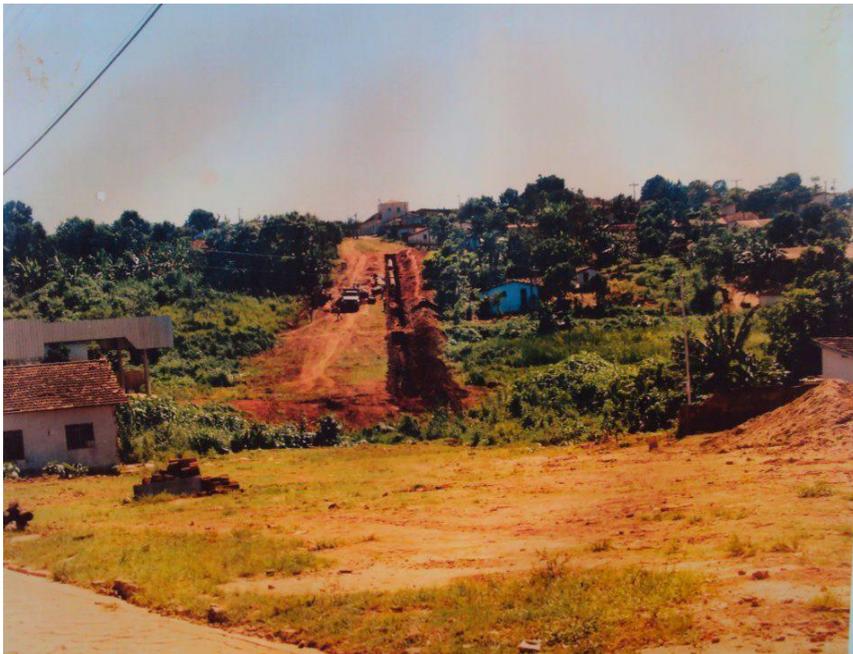
Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Antigo Fórum – com o marco simbólico do W em frente
Construção do governo municipal Warner Carlos Prestes (1981) – Prédio da Prefeitura com arquitetura que remete ao Palácio Alvorada – sede Administrativa do Governo Federal
Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Local onde se estabelecia a Escola Mista Rural.
Atualmente funciona como residência.
Rua 30 eq. com a 47, Bairro Xixazão
Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Rua da Feira André Xavier Mundim, antes de ser pavimentada.

Foto: AMAX (Associação dos Moradores e Amigos do Xixazão)

Fonte: Arquivo Pessoal Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)



Sr. José Rodrigues Coelho, popular Sr. Zecão. Proprietário do açougue da Mangueira

Foto: AMAX (Associação dos Moradores e Amigos do Xixazão)

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)



Fotografia Tradição do cultivo artesanal de arroz em Itapuranga-GO – Fazenda Fundão

Fonte: Leonardo Silva Firmino (2017)



Ferramenta agrícola: Carpideira de tração animal usada para cultivar a terra.

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus (2013)



Ralador Manual de Mandioca – usado ao longo das décadas de 1970-80 – trabalho familiar

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)



Modelo de balança utilizada pelos fazendeiros para pesagem dos produtos cultivados e animais de pequeno porte.

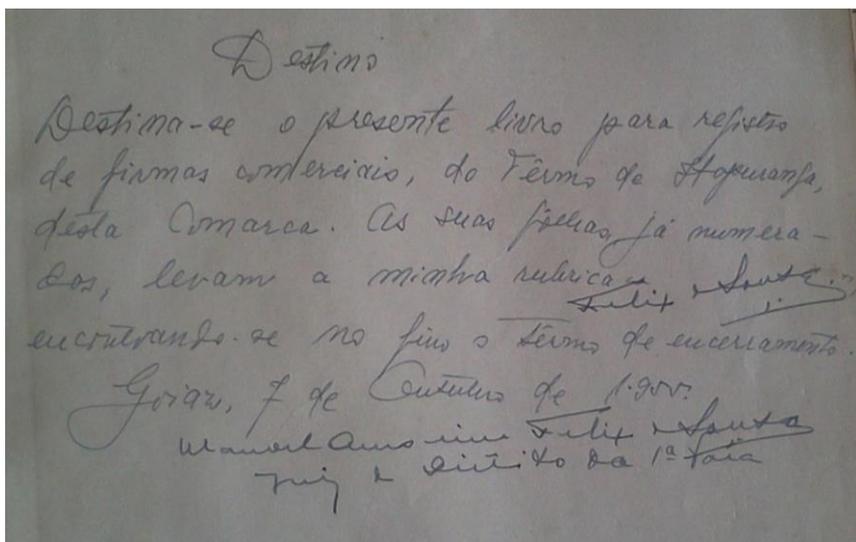
Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)



Livro de Registro de Firmas Comerciais – Nº 001 – do Cartório de Títulos e Documentos de Itapuranga

Registros comerciais – outubro de 1955 até janeiro de 1968

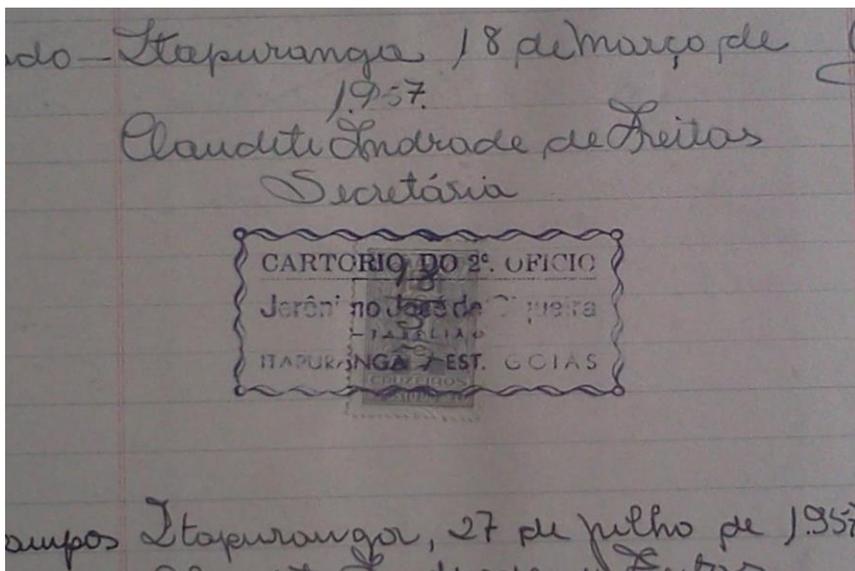
Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus (2013)



Página de Abertura do Livro de Registros de Firmas Comerciais

“Destino – Destina-se o presente livro para registro de firmas comerciais, do termo de Itapuranga, desta Comarca. As suas folhas já numeradas, levam a minha rubrica e escrevendo-se no fim o termo de encerramento. Goiás, 7 de Outubro de 1955.”

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus (2013)



Selos Federais pagos à União como comprovante de pagamento dos registros comerciais.

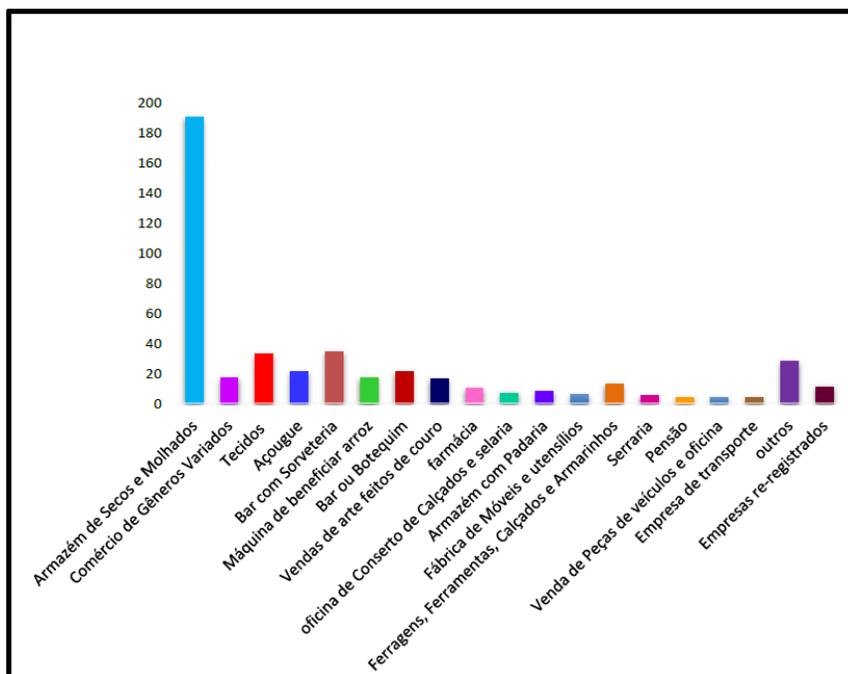
Datado do ano de 1957.

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus (2013)

REGISTRO DE				FIRMAS COMERCIAIS				
Nº	FIRMA	Nome dos Sócios	Inscrição no Livro	Genere de Comercio	Capital	Data de Abre das contas	Filiação	Observações
226	Comercio Geral de Itapuranga - Itapuranga - Goiás	Não tem	Cartorio do 2º. Oficio de Itapuranga - Goiás	Busca e Venda de Imoveis	R\$ 100.000,00	1948	Não tem	Inscreta no Livro de Registro de Firms da União
227	Comercio Geral de Itapuranga - Itapuranga - Goiás	Não tem	Cartorio do 2º. Oficio de Itapuranga - Goiás	Comercio de Importação e Exportação de Mercadorias	R\$ 100.000,00	1948	Não tem	Inscreta no Livro de Registro de Firms da União
228	Comercio Geral de Itapuranga - Itapuranga - Goiás	Não tem	Cartorio do 2º. Oficio de Itapuranga - Goiás	Comercio de Importação e Exportação de Mercadorias	R\$ 100.000,00	1948	Não tem	Inscreta no Livro de Registro de Firms da União
229	Comercio Geral de Itapuranga - Itapuranga - Goiás	Não tem	Cartorio do 2º. Oficio de Itapuranga - Goiás	Comercio de Importação e Exportação de Mercadorias	R\$ 100.000,00	1948	Não tem	Inscreta no Livro de Registro de Firms da União

Última página do Livro de Registros de Firms Comerciais de Nº 001

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádia Maria de Jesus (2013)



Gêneros comerciais registrados em Itapuranga entre os anos de 1955 a 1968:

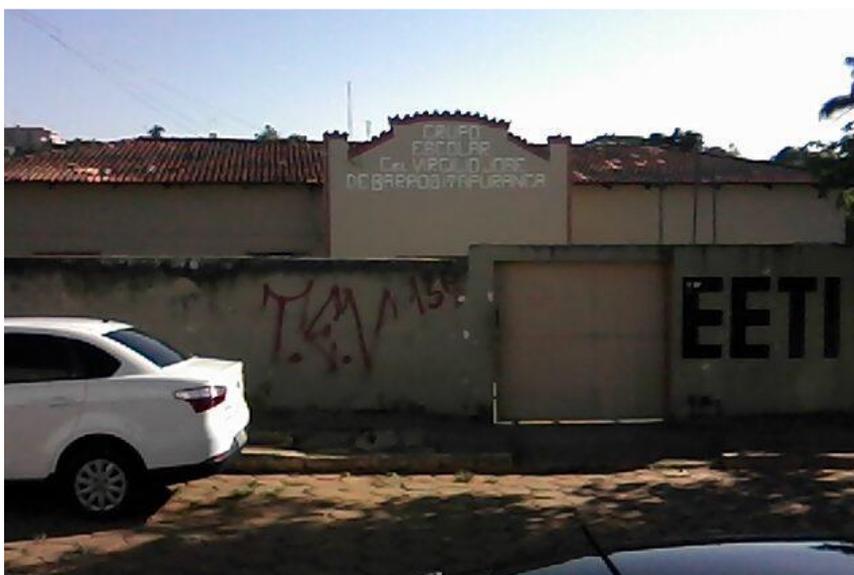
Fonte: Livro de Registros de Firms Comerciais de nº 001 do Cartório de Itapuranga-GO.

Fonte: Franciane da Silva Sousa e Nádía Maria de Jesus (2013)

Ao inventariar o passado com as edificações que se tornaram monumentos não poderíamos deixar de fazer o registro das unidades escolares que serviram como espaços da escolarização no município de Itapuranga. Importante destacar que as construções físicas das unidades escolares foram produzidas com o esforço e as mãos de muitos cidadãos que sonharam com uma unidade escolar para atender aos seus filhos. Vamos acompanhar um pouco deste passado:



Fundos da Escola Estadual Coronel Virgílio José de Barros.
Rua 36 esq. com a 47. Xixazão
Fonte: Antônio Tavares (s/d)



Frente da Escola Estadual Coronel Virgílio José de Barros, atualmente funciona a Escola Municipal.
Rua 36 esq. com a 47.
Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Antigo Ginásio Xixá.

Atualmente Escola Estadual Zico Coelho.

Rua 42, esq. com a 53. Antiga Av. Farnese Rabelo.

Fonte: Maria do Socorro Araújo Toledo e Nayara Cristina Gonçalves Rodrigues (2013)



Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)



Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)



Escola Municipal Milton Camilo de Faria
Bairro: Parque Alvorada
Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)



Colégio Estadual José Alves de Assis – Hoje Colégio Estadual da Polícia Militar José Alves de Assis

Fonte: Valtuir Moreira da Silva



Fonte: Valtuir Moreira da Silva

Registramos importantes edificações que contam um passado de muita organização política dos camponeses no município de Itapuranga. A representação que marca grande parte dessa trajetória é produzida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga, fundado em 1972. Após sua fundação e edificação, muitos outros monumentos da organização deixaram suas marcas.



Terreno sendo preparado para construção do Salão Santos Dias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga – agosto de 1983

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais



Construção do Salão Santos Dias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga

Casa ao fundo: Sede atual do Sindicato dos Trabalhadores Rurais - agosto de 1983

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais



Fachada atual do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga
Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)



Fachada atual do Auditório Santo Dias do Trabalhadores Rurais de Itapuranga
Fonte: Valtuir Moreira da Silva (2024)

5. Considerações finais

O primeiro volume das Referências Culturais de Itapuranga trouxe uma versão possível de um projeto que não se encerra. Na primeira parte dedicamos em demonstrar um pouco das edificações/monumentos que são importantes marcos para compreender a presença dos humanos nesse território. Como o leitor pode perceber estamos cientes que a presença humana desde o Povoado da Canastra, Distrito do Xixá e hoje, Itapuranga são datados de mais de 850 anos.

As referências foram sendo identificadas e dispostas de forma didática para que pudessem ter a visão do todo. Não há uma história linear, mas existem histórias que se entrecruzam, com as suas várias nuances sociais, políticas, econômicas e culturais, deixando um legado que precisa ser visto como um caleidoscópio.

Assim, as Referências Culturais não têm a pretensão de uma história verdadeira, mas seja preciso que entendamos que os registros, marcas, cacos, ruas, construções, monumentos, saberes e sabores são evidências dos humanos que viveram, conviveram e continuam a viver a história do tempo presente. E as fontes apresentadas ao longo da primeira parte são frutos de um trabalho de pesquisa, leitura e evidências que se somaram para intentar dar uma coerência e coesão histórica para você leitor. Esperançosos que tenham se encontrado nas referências apresentadas e que, no outro volume que estamos produzindo possamos ser provocados para que tenhamos mais temas e histórias sendo apresentadas.

6. Referências

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BARRENCHEA, Miguel Angel de. *As dobras da memória*. Ed. 7 Letras. 2008.

BARROS, José D'Assunção. Memória e História - uma discussão conceitual. *Tempos Históricos*, vol. 14, p. 317-343, 2011. Disponível em: Acesso em 20 de setembro de 2017.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história cultural. Vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaio de psicologia social, São Paulo. Ateliê editorial. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória Sertão*. Editora Cone Sul. 1998.

FIRMINO, Leonardo Silva. História, educação e cultura material no Museu de História da UEG-Câmpus Itapuranga (2014-2017). Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga, 2017.

FIRMINO, Leonardo. Educação e Cultura Material No Museu De História Da UEG-Câmpus Itapuranga (2014-2017). Graduação - História -- Câmpus-Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. Memória histórica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, no. 25/26, pp. 17-31, set.92/ago. 93.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras 1989.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Michael. História oral: os riscos da inocência. In: *O direito à memória*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 157-160

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MONTENEGRO. Antonio. *História oral e memória*. Ed. Contexto, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, n. 10, 1993, p. 01-28. Disponível em: Acesso em 20 de setembro de 2017.

NUNES, Danielle Cristina J.; CASTRO, Tatiane da Silva. História da cidade de Itapuranga a partir de 1940: narrativas a partir de suas ruas. Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, 2013.

NUNES, Danielle Cristina J.; CASTRO, Tatiane da Silva. História da cidade de Itapuranga a partir de 1940: narrativas a partir de suas ruas. Monografia (Graduação) Universidade Estadual de Goiás, 2013.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. Dicionário do Brasil Central. 2ª. Edição, Goiânia: ICBC, 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, vol.2, n. 3, 1989, p. 03-15. Disponível em: . Acesso em 20 de setembro de 2017 RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

REIS, Carmem Silvia Ferreira da Silva. História e memória do Xixá: olhares se voltam ao Xixazão. Graduação - História -- Câmpus-Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2017.

REIS, Carmen Silvia Ferreira da Silva. História e memória do Xixá: os olhares se voltam ao Xixazão. Itapuranga-GO: Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga, 2017.

ROSSI, Paolo. O Passado, a memória, o esquecimento. São Paulo: Editora da Unesp, 2010. THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Myrian. *O pesadelo da amnésia coletiva. Um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.* Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 3, ano 8.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento.* In: *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes.* Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 59-85.

SOUSA, Franciane da Silva; JESUS, Nádia Maria de. História econômica de Itapuranga: os lugares do comércio 1950/70.

Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, 2013.

TOLEDO, Maria do Socorro Araújo; RODRIGUES, Nayara Cristina Gonçalves. Lembranças do Xixá: a representação de um passado (1930-1970). Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, 2014.

WUST, Imrhild; CARVALHO, Hellen Batista. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6. 1996, p. 47-81

Segunda Parte

Cultura Popular: benzedeiiras, quitandeira, poeta e contadores de causos¹

Lucas Pires Ribeiro

Apresentação

O leitor e a leitora deste projeto sobre algumas das referências culturais do município de Itapuranga-GO encontrarão uma pesquisa construída por inúmeras mãos. Não se trata de uma hipérbole, mas de uma constatação. Nesse sentido, gostaria de agradecer imensamente ao querido Prof. Dr. Valtuir Moreira da Silva, por ter me feito o convite para participar desta importante iniciativa. Por falar em importância, ressalta-se a relevância do poder público no fomento desta pesquisa, que somente está se concretizando porque o projeto foi contemplado com um financiamento público por meio da Lei Paulo Gustavo, sancionada pelo Ministério da Cultura do governo Federal e intermediada pela Secretaria Municipal de Cultura do município de Itapuranga-GO.

No primeiro momento, quando recebi o convite, objetivava apresentar as referências culturais do município de Itapuranga-GO relacionadas aos saberes ancestrais e artesanais da comunidade, encontrando representação nos contadores de causos, poetas, benzedeiiras, raizeiras, artistas plásticos e nos homens e mulheres que se valem da arte de fazer salgados e outras quitandas. No entanto, com o decorrer do tempo, identifiquei que não seria possível contemplar todas as categorias apresentadas. O primeiro fator, possivelmente, o mais importante, está no fato de que o município de Itapuranga é permeado por uma vastidão cultural, o

¹ <https://doi.org/10.51795/978652651535867105>

que representa alguns desafios no mapeamento de todas as referências. Na sequência, ressalta-se a incompatibilidade ou dificuldade de muitas pessoas consultadas para encontrarem um tempo disponível para concederem as entrevistas. Por esses e outros motivos, a pesquisa adquiriu uma dimensão menor do que aquela imaginada anteriormente, concentrando-se nas seguintes categorias: contadores de causos, poeta, benzedeadas e uma referência na arte de fazer bolos e outras quitandas.

No entanto, o que poderia resultar em uma decepção no horizonte do pesquisador, sob o risco de não se realizar em sua plenitude, revelou-se como uma gratificante surpresa. Destarte, a pesquisa não finda com essa apresentação das referências culturais, uma vez que muitas outras categorias, apesar de não terem sido contempladas, estarão presentes no segundo volume do livro. Quando mencionei sobre a vastidão cultural do município de Itapuranga, mais uma vez, não se trata de exagero, mas de uma constatação. O leitor e a leitora encontrarão uma pesquisa cuidadosa e atenciosa com algumas das referências culturais do município. Nesse sentido, além de apresentar o envolvimento de um determinado senhor ou senhora com uma prática cultural, procurei, a partir das conversas estabelecidas, desnudar um pouco da vivência e da convivência do entrevistado e da entrevistada com os valores culturais do município.

Não se trata de uma história ou de uma biografia desses indivíduos, mas, conforme o leitor e a leitora terão a oportunidade de perceber, dificilmente compreende-se a relação desses indivíduos com a arte, os valores culturais e ancestrais sem estabelecer uma relação direta com alguns traços da trajetória de vida. Desse modo, gostaria de agradecer imensamente a atenção e o carinho dessas pessoas que são referências culturais no município de Itapuranga-GO, e que aceitaram ser entrevistadas. Destaco a contribuição e a gentileza do contador de causos Daniel Antônio, da contadora de causos Elza Parreira, do poeta José Teodoro, da quitandeadora Orozilda Rodrigues, das benzedeadas Divina Leonardo e Maria Fernandes e do benzedor João Basílio.

Vocês, além de serem referências culturais, detentores de valores, costumes e saberes ancestrais que moldaram, no decorrer do processo histórico, a sociedade itapuranguense, são importantíssimos para a história desse município e essenciais na construção desta pesquisa. Meus sinceros agradecimentos! Por falar em agradecer, não poderia encerrar esta apresentação sem mencionar a contribuição das historiadoras Karen Borges e Silva e Eliane de Souza Coutinho Pacheco. Durante a graduação, tive o privilégio de acompanhar a construção da pesquisa das historiadoras, que resultou no artigo intitulado *A arte de benzer no município de Itapuranga-GO: um saber ancestral*.

É preciso ressaltar que Karen Borges e Eliane Coutinho forneceram as entrevistas que fizeram com a senhora Divina Leonardo, com a senhora Maria Fernandes e com o senhor João Basílio, benzedeadas e benzedor, para serem utilizadas como fontes sobre as referências culturais do município. Tudo isso contribuiu para a relevância acadêmica da pesquisa, tendo sido muito elogiada pelos pares. Para Karen Borges e Eliane Coutinho, um agradecimento não somente especial, mas um reconhecimento pela importante contribuição acadêmica e social que nos proporcionaram com o artigo *A arte de benzer no município de Itapuranga-GO: um saber ancestral*. Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os companheiros e companheiras, mencionados nominalmente na apresentação deste livro, em especial à historiadora Maria Rita Moura dos Santos, por terem se envolvido direta e indiretamente na construção e organização da pesquisa que apresentamos à comunidade itapuranguense.

Aos leitores e às leitoras, desejo que possam se envolver com a sabedoria ancestral, com os valores e costumes das referências culturais apresentadas nesta parte do livro. São pessoas atenciosas, humildes e comprometidas com um dos valores mais essenciais de uma sociedade: a valorização e a preservação das memórias, das culturas e dos saberes ancestrais. Desejo a todos e todas uma excelente leitura!

Daniel Antônio: um narrador artesanal

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: Daniel Antônio. Fonte: Lucas Ribeiro.

Daniel Antônio de Oliveira Morais, 37 anos, natural do município de Itapuranga, agricultor familiar e contador de causos¹. No primeiro momento, Daniel Antônio apresentou um histórico da sua relação com a arte de contar causos. Segundo o entrevistado, a relação deve ser considerada enquanto resultante de um processo de longa duração, tendo iniciado na década de 1990, no interior do município de Itapuranga, mais precisamente, no meio rural,

¹ Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2024, às 15 horas nas dependências da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga.

próximo ao Distrito de Diolândia. Entre os valores socioculturais existentes na região, havia se tornado um costume em comum o hábito de as pessoas da comunidade se reunirem, no período da noite, depois de uma dura lide diária, na casa de um/a amigo/a, vizinho ou familiar, para contarem causos, contos, anedotas e outros gêneros da Literatura Oral.

Daniel Antônio mencionou que, no período da infância, ficava encantado com os contadores de causos da comunidade, observando atentamente a sabedoria e os ensinamentos contidos naquelas “histórias”. Entre os muitos contadores, mencionou que tinha uma predileção por pessoas próximas do nicho familiar. Entre elas, destacava-se tanto a figura paterna quanto a do avô, contadores de causos reconhecidos pela qualidade na arte do enredo, envolvendo todos/as da comunidade por meio do saber ancestral. Segundo o entrevistado, alguns personagens eram muito marcantes nos contos e nos causos do respectivo contexto: Lobisomem e o Pai do Mato.

Encantado com esses personagens marcantes do folclore, embora, no período da infância, ficasse um pouco amedrontado com as histórias apresentadas pelos mais velhos, especialmente no período da noite, o contador de causos mencionou que a arte de narrar foi um saber passado de pai para filho em sua família. Um saber que, conforme defendeu, pretende continuar transmitindo para as futuras gerações. Daniel Antônio tem muita consciência do que representam os causos. Por isso, apresenta-os não unicamente como um meio de diversão, mas enquanto uma forma de transmitir saberes e ensinamentos por meio da oralidade.

Anteriormente, foi mencionado que, no período da infância, o narrador teve contato com dois personagens - Lobisomem e Pai do Mato – que, frequentemente, estavam presentes nos contos e nos causos que ouvia das pessoas da comunidade no meio rural do município de Itapuranga. Diante dessa constatação, não é difícil imaginar que esses dois personagens estão inseridos nos causos de Daniel Antônio. Entre os enredos narrativos, destacam-se: *O Causo do Batismo* e *O Causo da Lenda do Pai do Mato*. Os enredos narrativos

têm muitos dos valores inerentes ao catolicismo popular, especialmente na questão das rezas e crenças populares nas divindades do catolicismo.

Quando indagado se os enredos são de sua autoria, Daniel Antônio mencionou que os causos circulavam no imaginário e nas rodas de conversa existentes no meio rural no período da sua infância, sendo frequentemente apresentados tanto por seu pai quanto por seu avô. No entanto, advertiu que não os reproduz literalmente, mas procura fazer uma série de adaptações ou intervenções, acrescentando alguns elementos e retirando tantos outros. Essa liberdade criativa, segundo o entrevistado, possibilita deixar os causos mais engraçados e condizentes com os valores do tempo presente.

Daniel Antônio lamentou o fato de a sociedade contemporânea, especialmente os mais jovens, darem uma atenção reduzida aos causos e outros gêneros da Literatura Oral. Segundo o narrador, o encanto por meio da oralidade está sendo suplantado pelo advento dos recursos tecnológicos, com destaque para os celulares. No entanto, apesar da constatação crítica e um pouco decepcionada com a realidade dos fatos, Daniel Antônio se considera um contador de causos reconhecido pela comunidade itapuranguense. Para sustentar o argumento, fez referência aos convites que recebe para se apresentar no programa *Diário da Comunidade da Rádio Alternativa FM de Itapuranga*, nas escolas municipais, na Universidade Estadual de Goiás/Unidade Itapuranga e em outros eventos/festivais. Segundo o entrevistado, esses convites, além do reconhecimento para com a importância da arte de narrar, são um estímulo para continuar contando causos e transmitindo os valores de antanho para as gerações mais novas.

Além dos espaços mencionados, Daniel Antônio tem um canal no YouTube². O canal, atualmente³, conta com quatro vídeos e cada um contém um caso diferente: *O Caso da Moça Desobediente*, *O*

² O canal pode ser acessado no seguinte endereço: [Daniel Antônio De Oliveira Moraes - YouTube](#). ³ Consulta realizada no dia 06 de maio de 2024.

Causo da Reza Brava, O Causo do Batismo e O Causo da Lenda do Pai do Mato. O enredo com mais visualizações é justamente *O Causo do Pai do Mato*, contando, no período da consulta, com mais de mil e duzentas visualizações.

Apesar de ter em Geraldinho Nogueira uma grande inspiração, Daniel Antônio afirmou que as principais referências para a arte de contar causos estão na figura paterna e na figura do avô. Encantando com a narrativa artesanal, Daniel Antônio tem transmitido saberes, valores e costumes de antanho por meio da arte narrativa representada nos causos. Nesse sentido, tem proporcionado diversão e deixado algumas pessoas “inquietas” com as histórias e os desfechos pouco favoráveis para com alguns personagens do folclore nacional. Porém, apesar da liberdade e da capacidade criativa, valendo-se do lúdico e da imaginação na tessitura dos enredos, o narrador afirma que todos os seus causos são verídicos.

Diante de um projeto que tem como objetivo apresentar para a comunidade itapuranguense as referências culturais do município, não resta dúvida de que Daniel Antônio é uma importante referência na arte de contar causos.

Fonte oral

Daniel Antônio, Entrevista. [mai. 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024.

1.arquivo. mp3 (70 minutos).

Elza Parreira: uma autora e contadora de causos

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: Elza Parreira. Foto: Lucas Ribeiro.

Elza dos Anjos Parreira de Oliveira, historiadora e pedagoga, enfermeira, casada, 60 anos de idade e contadora de causos¹. Natural do município de Itapuranga, Elza Parreira viveu até os 6 anos de idade na região da Serrinha, próxima ao limite de Itapuranga com o município do Carmo do Rio Verde. A partir dos 6 anos de idade, juntamente com todo o nicho familiar, mudou-se para a Cidade de Itapuranga no final da década de 1960.

Inicialmente, Elza Parreira fez referência ao seu contato inicial com a arte de contar causos. A relação, conforme procurou apresentar em algumas oportunidades, é longa, tendo iniciado ainda na região da Serrinha, onde e quando, juntamente com outras

¹ Entrevista realizada no mês de junho de 2024, às 15 horas.

crianças, ouvia os causos narrados por seu avô, o senhor Geraldo Mariano Sobrinho. Segundo Elza Parreira, seu avô a encantava, deixando outras crianças também maravilhadas com os causos, já que conseguia envolver todos e todas na teia da narrativa, principalmente porque apresentava elementos do lúdico, da memória e da imaginação. Nos causos, o senhor Geraldo Mariano tinha uma predileção por uma personagem central: A Mula sem cabeça. Além disso, gostava de contar causos que tivessem a presença de assombrações.

Além da presença marcante do senhor Geraldo Mariano, Elza Parreira descreveu que, quando se mudou para a cidade de Itapuranga no final da década de 1960, uma outra narradora teve um papel importante na sua formação e na continuidade do universo lúdico, do encantamento por meio das palavras. Segundo a entrevistada, Dona Maria, uma senhora que residia na rua 40 da cidade de Itapuranga-GO, que, tempos atrás, havia sido proprietária de um prostíbulo, era uma contadora de causos excelente. A interlocutora afirmava para Elza e as amigas que não contava causos, mas sim histórias. Porém, diferentemente do senhor Geraldo Mariano, quase sempre apresentando causos relacionados aos personagens do folclore nacional - Mula sem cabeça e Saci Pererê - Dona Maria contava histórias cujas personagens principais eram mulheres que haviam sido vítimas de violência.

Segundo Elza Parreira, entre os narradores artesanais do cotidiano itapuranguense, Dona Maria e o senhor Geraldo Mariano são suas principais referências/influências. Entre os contadores de causos conhecidos do grande público, fez questão de mencionar toda a relevância de Rolando Boldrin, considerando-o o principal contador de causos do Brasil e, conseqüentemente, uma das suas grandes influências. Quando adolescente e no início da fase adulta, vivendo nesse universo sociocultural, contando com a presença de um contador de causos sempre próximo, Geraldo Mariano, Elza Parreira mencionou que passou a se sentir mais confortável e confiante para se tornar uma contadora de causos no curso de História que fez na Universidade Estadual de Goiás, no final da

década de 1990. Por meio dos eventos culturais, com destaque para a Semana Cultural, afirmou que foi compreendendo academicamente todo o significado e a relevância histórica, social e cultural dos causos para a sociedade. A partir desse momento, começou a considerar que poderia contribuir com a sociedade por meio da contação de causos.

Apesar de essa compreensão ter ocorrido no final da década de 1990, Elza Parreira mencionou que somente começou a contar causos no ano de 2005/2006. Na ocasião, na condição de enfermeira no Posto de Saúde Rural do Município de Itapuranga, observou que os/as pacientes, esperando serem consultados pelos/as médicos/as, ficavam muito apreensivos, inquietos e, em situações excepcionais, nervosos/as com o estado de saúde e com a espera para serem atendidos/as. Percebendo todo esse incômodo, Elza Parreira, valendo-se do saber transmitido de geração em geração, aprendido com o seu avô, o senhor Geraldo Mariano, procurava deixar o ambiente menos apreensivo por meio dos causos.

Segundo a entrevistada, a aceitação para com os causos foi enorme e surpreendente. Os/as pacientes se deixavam maravilhar pelo universo da narrativa artesanal e, daquele momento em diante, ano de 2005/2006, Elza Parreira se sentiu mais confiante e entusiasmada para se consolidar enquanto contadora de causos. A partir desse momento, os causos, que acompanham a narradora desde o período da infância, passaram por uma transformação no horizonte de Elza Parreira. Mesmo tendo continuado também na condição de uma ouvinte, tornou-se uma contadora de causos, reconhecida, em um primeiro momento, pelos/as pacientes do Posto de Saúde Rural e, depois, por parte considerável da sociedade itapuranguense.

Apresentando-se em algumas escolas públicas do município, na emissora de Rádio Comunitária, *Alternativa FM*, e em outros espaços, Elza Parreira encantava por meio do lúdico, por meio de uma narrativa envolvente, trazendo elementos do catolicismo popular para dentro do seu enredo. Embora seja evangélica, Elza Parreira é fortemente influenciada pelo catolicismo, fator que fica

perceptível nos seus causos. Nesse sentido, estão presentes alguns personagens: benzedores/as, raizeiros/as e, principalmente, personagens mal-assombrados. Ao ser indagada sobre a presença constante de assombrações no enredo, a contadora de causos mencionou que insere esses personagens em virtude da influência do seu avô, o senhor Geraldo Mariano, que costumava apresentar enredos com essa tendência sobrenatural. Diante disso, o senhor Geraldo Mariano encantava, mas também amedrontava crianças e adolescentes da região da Campininha e, posteriormente, de Itapuranga entre as décadas de 1960 e 1980, por meio dos causos.

Além de contadora de causos, Elza Parreira é também autora de muitos enredos narrativos. Na entrevista, mencionou que já escreveu mais de 70 causos, tendo o sonho de publicá-los e, com isso, contribuir com a sociedade, se valendo do lúdico, da arte de encantar todos e todas na teia da narrativa artesanal. Elza disse que se sente contemplada, vendo a sua arte reconhecida pela sociedade e, principalmente, por sua família, que a reconhece na condição de uma artista popular, valorizando todo o seu saber ancestral. Antes de finalizar a entrevista, a querida narradora apresentou dois causos de sua autoria: *Pagamento de Promessa* e *A Missão*.

Entre as contadoras de causos do município de Itapuranga-GO, Elza Parreira se destaca por ser narradora e autora, procurando dar continuidade a uma arte aprendida durante o período da infância, sob forte influência familiar, mas que permanece muito ativa no seu imaginário até o tempo presente. Diante de uma permanência longa, Elza Parreira procura transmitir toda a arte, materializada no saber ancestral, para inúmeras pessoas da comunidade. A maneira mais envolvente e lúdica que encontrou para fazer essa transmissão está representada nos causos.

Fonte oral

Elza Parreira, Entrevista. [jun. 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (60 minutos).

José Teodoro: um poeta popular no município de Itapuranga-GO

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: José Teodoro. Foto: Lucas Ribeiro

José Teodoro da Silva Sobrinho, 81 anos, poeta, casado, aposentado e natural do município de Bambuí, interior do estado de Minas Gerais¹. No ano de 1963, o jovem José Teodoro, com 20 anos de idade, deslocou-se, com toda a família - pais, irmãos e irmãs - para o interior do estado de Goiás, mais precisamente para a fazenda Olhos d'água, localizada entre os municípios de Itapuranga e Morro Agudo de Goiás. No contexto do deslocamento, inserido dentro de um contexto de forte migração de pessoas de Minas Gerais para o Vale São Patrício ou Mato Grosso goiano, a família do poeta José

¹ Entrevista realizada no mês de julho de 2024, às 15 horas.

Teodoro enveredou no cultivo dos gêneros alimentícios de primeira necessidade na Fazenda Olhos d'água, com destaque para o cultivo de arroz, milho e feijão.

O núcleo familiar residiu por um longo período na região, tendo conseguido adquirir algumas porções de terra. De acordo com o entrevistado, o seu deslocamento para a cidade de Itapuranga aconteceu no ano de 1989, quando tinha quarenta e seis anos de idade. No respectivo contexto, o senhor José Teodoro já tinha uma relação longeva com a poesia. Durante a entrevista, afirmou que o primeiro contato com a poesia aconteceu no início da década de 1950, quando tinha sete anos de idade. Na época, escreveu um poema em homenagem às professoras que tinham lhe proporcionado a inserção no universo das letras, ou seja, na prática da alfabetização. O senhor José Teodoro tem um carinho imenso pelo primeiro poema, o que pode ser evidenciado pelo fato de encontrar-se emoldurado em um quadro, na sua residência.

A partir do primeiro poema, datado de 26 de março de 1951, o senhor José Teodoro manteve uma escrita contínua. Afirmou, por exemplo, que, no ano de 1989, contexto que marca o seu deslocamento do meio rural para a cidade de Itapuranga-GO, já contava com 68 poemas escritos. No primeiro momento, a escrita dos poemas e o ato de declamar estavam muito direcionados aos amigos e familiares do cotidiano. Segundo o senhor José Teodoro, os primeiros poemas foram muito bem aceitos, sendo um estímulo para continuar escrevendo. Até a data da entrevista, o poeta afirmou que já tinha escrito 573 poemas, quase todos guardados em uma pasta que apresenta com maior orgulho para as pessoas.

Diante da quantidade de poemas escritos, ao ser indagado se existe algum poeta que proporciona uma referência ou mesmo inspiração, o senhor José Teodoro afirmou que não existe um/a poeta específico no qual se inspira. Nesse sentido, é possível afirmar que, na arte da poesia, o senhor José Teodoro é um autodidata. Porém, fez questão de ressaltar, mais uma vez, que sua inspiração se origina de um dom, de uma bênção divina.

Diante dos primeiros escritos e da declamação perante amigos/as e familiares, a partir da década de 1980, começou a receber convites para se apresentar nas mais diferentes situações: em emissoras de rádios, nas escolas públicas do município de Itapuranga e região, nos festejos religiosos e populares e assim por diante. De forma especial, descreveu algumas apresentações realizadas no Domingo Cultural da cidade de Itapuranga-GO. Segundo o entrevistado, chegou a ser conhecido em outros estados, afirmando e descrevendo com orgulho apresentações realizadas em São Paulo e Minas Gerais.

Nos poemas do senhor José Teodoro, não é possível encontrar um tema que orienta ou mesmo está presente frequentemente em suas poesias, pelo contrário. O poeta se vale de diferentes temáticas para coordenar e estruturar sua arte. Durante a entrevista, constatou-se a presença de uma diversidade de poemas sobre os mais diferentes temas: natureza, pecuária, cidades, trabalhadores/as, aviação, catolicismo, carreiros, entre outros. Nesse sentido, nota-se não somente uma questão da quantidade, mas percebe-se uma diversidade temática presente nas centenas de poemas escritos pelo senhor José Teodoro.

Além da capacidade para escrever, o senhor José Teodoro se destaca no momento de declamar. Detentor de uma memória admirável, tem quase todos os poemas armazenados em sua memória. Além disso, José Teodoro não declama os seus poemas sem a sua vestimenta especial. Vestimenta composta por um chapéu de tonalidade branca e de uma faixa branca com tons verdes. Ao ser indagado sobre o porquê da vestimenta característica, o poeta fez referência a um músico. Nesse sentido, afirmou que um instrumentista não se apresenta sem os seus instrumentos musicais. A partir da afirmação, indagou por que deveria declamar sua poesia sem os instrumentos adequados, ou seja, sem o chapéu e, principalmente, sem a faixa. A presença dessa vestimenta é tão marcante e importante para declamar os poemas, que o senhor José Teodoro afirmou que já se recusou a apresentar em alguns eventos por não estar com o “traje” adequado.

Com 81 anos de idade, o poeta José Teodoro continua não somente escrevendo com muita regularidade, mas continua se apresentando nos espaços culturais de Itapuranga e da região: escolas, rádios e outros eventos. Além dos espaços públicos, no ambiente privado e nos encontros familiares, o poeta José Teodoro sempre acaba sendo requisitado para declamar um ou mais poemas. Por último, de forma emocionada, afirmou que um dos seus grandes objetivos é publicar os seus poemas em um livro, porém, afirmou que as despesas para publicação são inviáveis.

O senhor José Teodoro da Silva Sobrinho, tendo iniciado na arte da poesia no início da década de 1950, quando tinha sete anos de idade, nesse ínterim até o tempo presente, totalizando sete décadas, já escreveu, aproximadamente, seiscentos poemas. Diante da quantidade, da diversidade dos temas e da longevidade com a arte da poesia, não resta dúvida de que o senhor José Teodoro se encontra na condição de uma das grandes referências culturais de Itapuranga e de toda a região.

Fonte oral

José Teodoro, entrevista. [jul, 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1. arquivo. mp3 (90 minutos).

Divina Leonardo: uma benzedeira na cidade de Itapuranga-GO

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: Divina Leonardo. Foto: Karen Borges & Eliane Coutinho.

No dia 05 de fevereiro de 2024, às 15 horas, foi realizada a entrevista com senhora Divina Leonardo de Araújo¹. No decorrer

¹ No contexto, a entrevista foi utilizada como uma fonte para uma pesquisa acadêmica do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Além de Dona Divina Leonardo, foram entrevistadas mais duas benzedeiros e um benzedor. A pesquisa resultou no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *A arte de benzer no município de Itapuranga-GO: um saber ancestral*. A pesquisa em tela é de autoria de Eliane de Souza Coutinho Pacheco & Karen Borges e Silva.

da entrevista, Dona Divina Leonardo demonstrou todo o seu conhecimento, tendo o adquirindo no decorrer da vida. Apesar de a entrevista ter sido direcionada, no primeiro momento, para a prática ou arte de benzer, procurando compreender a relação da entrevistada com esse valor ancestral e cultural, Dona Divina Leonardo apresentou outros elementos relacionados tanto à sua vida quanto aos valores e costumes que estiveram muito presentes no cotidiano itapuranguense no transcorrer do século passado. Nesse sentido, destaca-se a forte presença do catolicismo, incidindo diretamente nos valores e nas práticas comportamentais das pessoas.

Durante a entrevista, foi possível identificar que a relação de Dona Divina Leonardo com a arte de benzer iniciou-se desde a tenra idade. No período da infância, estabeleceu um contato muito próximo com a avó, que era considerada uma das principais benzedoras do município de Itapuranga-GO. De acordo com a entrevistada, sua avó detinha enorme respeito da comunidade, sendo reconhecida na condição de alguém muito sábia e caridosa, que não media esforços para contribuir e contornar os problemas mais imediatos das pessoas. Uma maneira que encontrava para estabelecer uma relação próxima e ter condições de ajudar e resolver as situações mais delicadas estava na prática de benzer. Fazendo referência à matriarca da família, Dona Divina Leonardo disse que a avó benzia para “muitas coisas”: apagar o fogo das pastagens, diminuir a intensidade das chuvas, entre outras adversidades.

Demonstrando uma certa inconformidade, Dona Divina Leonardo se queixou por não conseguir se lembrar de todos os ensinamentos transmitidos pela avó. Segundo ela, no período da infância, aprendeu muito, inclusive sobre rezas para diferentes situações, mas, com o passar dos anos, acabou se esquecendo de questões que considera serem muito importantes. Além da influência da avó, Dona Divina Leonardo disse que aprendeu muito com a madrastra. Ressaltando o quanto foi importante na sua formação, a entrevistada fez referência ao fato de que a madrastra

benzia para uma série de situações também. Diante dessa relação próxima e de companheirismo, disse ter aprendido a benzer contra o sol, contra a dor de cabeça e contra a entrada de ar na parte frontal do rosto, em virtude dos ensinamentos da madrastra. Percebe-se, a partir dessa referência, um saber sendo passado de geração em geração.

Durante a entrevista, tornou-se possível identificar duas referências, no sentido da transmissão de saberes, para a senhora Divina Leonardo. Essas referências estão representadas nas figuras da avó e da madrastra, constituindo-se na condição de duas importantes benzedoras na região. A senhora Divina Leonardo aprendeu a benzer no período da infância e, desde esse momento, começou a receber pessoas enfermas. Na entrevista, de forma emocionada, afirmou ter sido responsável pela recuperação de muitas pessoas enfermas do município. Disse, inclusive, ter curado pessoas que passaram pelo atendimento médico convencional, mas que não se recuperaram e tiveram sua saúde reestabelecida em virtude da prática de benzer.

Dona Divina Leonardo considera a prática de benzer uma ação divina, ou, melhor dizendo, conforme reiterou em algumas oportunidades na entrevista, um dom de Deus. Nesse sentido, afirmou que não adianta fazer a sua parte, ou seja, benzer e a pessoa enferma não fazer a parte dela, a saber, ter fé. Dona Divina Leonardo disse que é necessário a pessoa ter fé e acreditar no poder de cura de Deus. De acordo com a entrevistada, muitas enfermidades são originárias das intervenções demoníacas. Destarte, disse que, antes de iniciar o ritual de benzer, procura se proteger. A maneira mais habitual de buscar proteção é fazendo o sinal da cruz, pedindo as bênçãos a Nossa Senhora Aparecida e, na sequência, rezar o Pai-Nosso. Tendo passado por esse ritual de proteção, a entrevistada disse estar preparada e protegida para curar a pessoa da enfermidade que a assola.

Ainda no âmbito das práticas rituais no momento de benzer, Dona Divina Leonardo disse que, em virtude dos ensinamentos da avó, benze quase todos os dias, exceto aos sábados e domingos. Ao

ser indagada se seria uma prática recorrente entre as benzedeiias, afirmou categoricamente que não, dizendo que cada benzedeira tem um ritual específico e os dias considerados bons dependem muito de quem está benzendo. Ainda sobre os rituais, afirmou que, geralmente, utiliza um ramo verde. Depois de finalizado, quando as enfermidades são transmitidas para o ramo, joga-o fora como um gesto de quem está jogando a enfermidade para fora da pessoa.

No Brasil, a arte de benzer esteve muito relacionada ao catolicismo popular. Conforme descrito anteriormente, Dona Divina Leonardo se vale de muitos símbolos do catolicismo no momento de benzer uma pessoa enferma. No entanto, com o crescimento das igrejas neopentecostais no município de Itapuranga-GO, a benzedeira disse que, nos últimos anos, tem sofrido preconceito de algumas pessoas. Inclusive, afirmou que muitas pessoas que passaram por suas mãos, recuperadas de enfermidades por causa da prática de benzer, se referem a ela na condição de uma bruxa ou alguém que está envolvida com rituais demoníacos. Ao fazer essa consideração, tornou-se possível identificar um sentimento de tristeza nas expressões faciais de Dona Divina Leonardo. No entanto, além do descontentamento por ser vítima de preconceito, a entrevistada disse não guardar mágoa das pessoas preconceituosas.

Na parte final da entrevista, a senhora Divina Leonardo demonstrou muita preocupação com a continuidade da prática de benzer. Nesse sentido, afirmou que a presença das benzedeiias na comunidade está diminuindo consideravelmente. Como vetor da diminuição, apresentou o fato de que a maioria das pessoas deixou de acreditar na possibilidade de se recuperar de uma enfermidade por meio da intervenção das benzedeiias. Apesar dessa consideração preocupada, Dona Divina Leonardo demonstrou muito orgulho e satisfação por ser reconhecida pela comunidade na condição de uma das mais antigas benzedeiias do município de Itapuranga-GO.

Diante das considerações, da sabedoria e do envolvimento cultural com a prática de benzer, que iniciou desde o período da

infância, caracterizando-se enquanto um saber passado de geração em geração, não resta dúvida de que Dona Divina Leonardo encontra-se na condição de uma das mais importantes referências culturais do município de Itapuranga-GO.

Referência

PACHECO, Eliane de Souza Coutinho; SILVA, Karen Borges e. *A arte de benzer no município de Itapuranga: um saber ancestral*. Artigo. (Licenciatura plena em História). Unidade Universitária de Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

Fonte oral

Divina Leonardo, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (90 minutos).

João Basílio: um benzedor na cidade de Itapuranga-GO

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: João Basílio benzendo a pesquisadora Eliane Coutinho: Foto: Karen Borges & Eliane Coutinho.

No dia 6 de fevereiro de 2024, às 15 horas, foi feita a entrevista com o senhor João Basílio de Oliveira¹, casado e residente na cidade de Itapuranga-GO. Com 80 anos de idade, o senhor João Basílio

¹ A entrevista com o senhor João Basílio, além de ser uma importante fonte de pesquisa para este projeto, foi utilizada enquanto fonte de pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Apresentada como um requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, a pesquisa encontra-se intitulada *A arte de benzer no município de Itapuranga-GO: um saber ancestral*. A autoria da pesquisa é de Eliane de Souza Coutinho Pacheco & Karen Borges e Silva.

compartilhou muitos dos seus conhecimentos e análises sobre os valores e costumes do cotidiano. Além dessa capacidade reflexiva, detentor de uma sabedoria construída por meio da experiência de vida e dos valores transmitidos de geração em geração, o entrevistado teceu considerações sobre a sua relação com a prática de benzer. Uma relação, conforme perceberemos, datada de um período de longa duração.

Segundo o senhor João Basílio, o seu contato mais direto com a prática de benzer iniciou-se no período da infância, mais precisamente, quando tinha dez anos de idade. A responsável por inseri-lo nessa prática cultural, ensinando muitas rezas, foi a sua avó. Na entrevista, o senhor João Basílio mencionou que a avó benzia de tudo: para proteger as pessoas das cobras, vento nos olhos, para eliminar uma dor de cabeça e outras demandas humanas. De maneira bem-humorada, embora denunciando um preconceito que a matriarca da família vivenciava há setenta anos, o entrevistado disse que, no período, década de 1950, algumas pessoas consideravam a sua avó uma feiticeira. Porém, ressaltou que não se tratava de feitiçaria ou algo similar, mas de um dom de Deus que se manifestava na avó.

Embora tivesse uma avó que benzia de “tudo”, durante a entrevista, foi possível identificar uma certa lamentação do senhor João Basílio. A lamentação fica mais evidente quando menciona o fato de que, no período da infância, teve contato com muitas rezas, porém, aprendeu “somente três”: espinhela caída, mau-olhado e cobreiro. Entretanto, ressaltou que existe um equívoco popular, especialmente quando as pessoas atribuem a ideia de que a espinhela caiu. Segundo o entrevistado, na realidade, a espinhela não caiu, mas entortou.

Diferentemente de outras benzedadeiras entrevistadas, o senhor João Basílio não se vale de ramos ou outros instrumentos para benzer e se proteger. De maneira alegre, disse que, no momento de benzer, além da oração do Pai Nosso, somente utiliza as mãos para contornar as enfermidades das pessoas que o procuram. Outra característica do entrevistado, principalmente se comparado com

as outras benzedeadas, está no fato de ter afirmado que não escolhe dias específicos para benzer, considerando todo dia sagrado para essa prática.

Percebe-se uma forte influência do catolicismo na formação do senhor João Basílio. Considerando a prática de benzer um dom sobrenatural, o entrevistado disse que não existe possibilidade de iniciar uma reza sem a oração do Pai Nosso. No ensejo, fez uma observação crítica ao avanço e consolidação das igrejas neopentecostais nas últimas décadas, afirmando que o número crescente de pessoas evangélicas tem feito com que muitas pessoas não somente deixem de acreditar, mas não queiram mais aprender a benzer.

A partir dessa observação, carregada de uma leitura crítica e de uma angústia ao fazer determinada constatação, o senhor João Basílio demonstrou receio com a possibilidade do desaparecimento da prática ou arte de benzer no cotidiano da sociedade. O receio, na consideração do entrevistado, se sustenta no fato de as gerações mais jovens não terem mais o envolvimento com essa prática ancestral, que tem sido transmitida no decorrer do processo histórico, mas que tem encontrado obstáculos no tempo presente.

Um fato importante a ser ressaltado está em uma das primeiras observações do senhor João Basílio, especialmente quando afirmou que não se considera um benzedor porque consegue benzer somente para três causas. Conforme demonstrado na entrevista, se referiu a espinhela caída ou torta, mau-olhado e cobreiro. No entanto, no desenrolar da entrevista, identificamos que, além dessas três causas, o benzedor descreveu outras situações nas quais atuou, a saber, na capacidade de contornar uma tentativa de suicídio e de paralisar um sangramento muito intenso na perna de uma mulher. Segundo o entrevistado, essas intervenções somente foram possíveis porque atuou na condição de intermediário de Deus, fazendo as orações e, na sequência, rezando. A partir dessa relação estreita com a figura divina, afirmou ter tido os pedidos atendidos.

Segundo o senhor João Basílio, apesar de identificar uma diminuição considerável de pessoas que acreditam no poder da cura por meio das rezas, com uma certa frequência, é procurado por pessoas da comunidade para que possam se recuperar das suas enfermidades. Na entrevista, tornou-se possível identificar que a procura mais recorrente é para rezar e, conseqüentemente, solucionar o problema da espinhela caída/torta. Sentindo-se orgulhoso por ter ajudado inúmeras pessoas durante mais de setenta anos, o senhor João Basílio ficou muito contente quando afirmou que as pessoas que o procuram, geralmente, o fazem somente uma vez. O motivo está no fato de que, a partir do primeiro ritual de benzimento, costumeiramente, essas pessoas se recuperam dos seus problemas.

Diferentemente das benzedadeiras entrevistadas, o senhor João Basílio afirmou nunca ter sofrido preconceito por ser um benzedor. Na condição de uma hipótese, acreditamos que o preconceito sofrido pelas mulheres benzedadeiras, particularmente, as entrevistadas, decorre do fato de serem mulheres, ou seja, percebe-se um preconceito carregado de um machismo estrutural, do qual, infelizmente, as benzedadeiras entrevistadas são vítimas. Pelo fato de ser do sexo masculino, o senhor João Basílio, conforme reiterou em algumas oportunidades, não vivenciou, no decorrer dos setenta anos na condição de benzedor, os preconceitos que, infelizmente, estão muito presentes no horizonte das outras benzedadeiras.

Apesar de demonstrar muita preocupação com a continuidade da prática de benzer, especialmente com o crescimento das igrejas neopentecostais e com a descrença das gerações mais jovens, afirmou que, para se recuperar de uma enfermidade, além da fé do benzedor, é necessário que a pessoa enferma tenha fé. O senhor João Basílio demonstrou ter muito orgulho de ser um dos benzedores do município de Itapuranga, tendo contribuído na recuperação de muitas pessoas enfermas.

Diante das considerações apresentadas, consideramos o senhor João Basílio de Oliveira, de 80 anos de idade, uma das grandes referências culturais do município de Itapuranga-GO.

Referência

PACHECO, Eliane de Souza Coutinho; SILVA, Karen Borges e. *A arte de benzer no município de Itapuranga: um saber ancestral*. Artigo. (Licenciatura plena em História). Unidade Universitária de Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

Fonte oral

João Basílio, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (60 minutos).

Maria Fernandes: uma benzedeira no Distrito de Lages

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: Maria Fernandes. Foto: Karen Borges & Eliane Coutinho.

Maria Fernandes da Silva, 78 anos de idade, natural do município de Itapuranga-GO. Atualmente, reside no Distrito de Lages. Durante a entrevista¹, em suas primeiras considerações,

¹ A entrevista com a senhora Maria Fernandes foi realizada no dia 10 de fevereiro de 2024, às 16 horas. A entrevista foi utilizada enquanto uma fonte de pesquisa para um Trabalho de Conclusão do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Itapuranga e resultou no artigo *A arte de benzer no município de Itapuranga-GO: um saber ancestral*. O artigo, sendo utilizado na condição de uma

houve uma afirmação categórica da entrevistada, a saber, o fato de não se considerar uma benzedeira. Quando indagada sobre o porquê de uma afirmação carregada de significado, a senhora Maria Fernandes alega saber somente três benzimentos: cobreiro, mau-olhado e Erisipela (zipele). No entanto, no decorrer da entrevista, identificamos que a afirmação, reflexo de uma humildade única da benzedeira, não se sustenta na prática. Não se sustenta porque, no transcorrer de muitas décadas, a senhora Maria Fernandes desempenha uma função social importante na comunidade, sendo responsável, com base em suas próprias considerações, pela recuperação de muitas pessoas enfermas.

A relação da senhora Maria Fernandes com a arte ou a prática de benzer, conforme evidenciado, constitui-se enquanto uma relação longa, tendo o seu início no período da adolescência. Diferentemente do benzedor e da benzedeira, presentes nesta pesquisa sobre as referências culturais do município de Itapuranga, que afirmaram terem aprendido a benzer com as avós, a senhora Maria Fernandes disse que aprendeu a arte de benzer com um homem que faleceu há muito tempo. Durante a entrevista, não foi possível identificar o nome do benzedor.

Entretanto, além da menção a esse indivíduo, constatou-se uma forte influência da mãe da senhora Maria Fernandes na iniciação da arte de benzer. De acordo com a entrevistada, a mãe tinha um dom para benzer, uma boca abençoada pela ação divina. Durante a entrevista, apresentou um “milagre” atribuído à mãe. Segundo a senhora Maria Fernandes, em uma determinada ocasião, familiares da região do Distrito de Lages levaram uma criança para ser avaliada por um médico na cidade de Goiânia. Quando fez a consulta, o médico pediu que a família retornasse para casa e tivesse paciência, porque a doença não tinha cura.

fonte de pesquisa indispensável para essa pesquisa, é de autoria de Eliane de Souza Coutinho Pacheco & Karen Borges e Silva. Para esta pesquisa sobre as referências culturais, fizemos uma interpretação descritiva da entrevista concedida pela senhora Maria Fernandes.

Porém, a família não teria desistido e, vislumbrando na mãe da entrevistada a última esperança, recorreu à benzedeira da região.

Quando teve contato com a criança enferma, a mãe da senhora Maria Fernandes constatou que o problema era uma espinhela caída. Tendo identificado a enfermidade, valendo-se do poder do benzimento, conseguiu contornar a situação e, assim, salvou uma criança desacreditada por um médico. Quando fez referência à mãe, ao ser indagada, a senhora Maria Fernandes afirmou que o poder do benzimento origina-se de Deus. De maneira emocionada, disse que não faz um benzimento sem pedir a proteção de Deus, de Nossa Senhora Aparecida e do Anjo da Guarda. Nesse momento, foi possível identificar, no rosto da entrevistada, uma expressão de conforto por apresentar essa constatação, mas também uma contrariedade.

A contrariedade pôde ser identificada quando perguntamos se a senhora Maria Fernandes sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira. Sem hesitar, afirmou que sim. Entre os preconceitos mais recorrentes, deixando-a muito contrariada, está o fato de algumas pessoas da comunidade se referirem a ela na condição de feiticeira. A entrevistada disse que, no tempo presente, o único “reconhecimento” que o benzedor e a benzedeira recebem é o de feiticeiro ou feiticeira. Porém, mais uma vez, a senhora Maria Fernandes fez questão de ressaltar que a sua prática não é nenhuma feitiçaria, pelo contrário, é uma manifestação divina, que tem como objetivo ajudar as pessoas.

Quando indagada se tem preferência por fazer o benzimento em algum dia específico, Maria Fernandes disse que todos os dias são abençoados, mas tem uma predileção pela quarta-feira. No ensejo, afirmou que, para benzer, utiliza o poder da oração, as mãos e alguns ramos. A benzedeira acredita que a pessoa enferma, em muitos momentos, pode estar carregada de uma energia ruim. Diante dessa crença, mencionou que, quando termina de benzer, geralmente sente um desconforto, uma energia ruim passando pelo corpo. Portanto, considera a proteção divina essencial, caso contrário, poderia ficar com a energia carregada da pessoa enferma.

No entanto, diante da intervenção divina, a energia ruim não a acompanha por muito tempo.

Na parte final da entrevista, a senhora Maria Fernandes, tendo se apresentado no início na condição de uma não benzedeira, afirmando que sabia benzer para recuperar as pessoas de três enfermidades específicas – Erisipela (zipele), Cobreiro e Mau-olhado – relatou um benzimento que fez, tendo sido essencial para recuperar uma pessoa enferma. Segundo a senhora Maria Fernandes, um cidadão a teria procurado para ser benzido de um grave cobreiro. A situação requeria uma preocupação maior, em virtude de o cobreiro ter tomado conta de todo o pescoço e ter começado a avançar pela região do rosto. No entanto, depois do benzimento, passados apenas três dias, o rapaz que tinha enfermidade encontrava-se em uma situação muito melhor e, pouco tempo depois, estava totalmente recuperado.

De uma maneira orgulhosa, sentindo-se feliz ao compartilhar esse relato de experiência, a senhora Maria Fernandes ressaltou, mais uma vez, que o fato de ser benzedeira é um dom que recebeu de Deus. Por isso, na parte final da entrevista, afirmou, categoricamente, que, enquanto estiver com saúde, pretende ser um instrumento de Deus, fazendo o bem para todas as pessoas que a procurarem. Nesse sentido, a senhora Maria Fernandes considera que a melhor maneira de ajudar as pessoas está na arte ou na prática de benzer.

A partir das impressões coletadas e das considerações apresentadas, tendo como referência a relação longeva com a arte de benzer, apresentamos a senhora Maria Fernandes na condição de uma importante referência cultural do município de Itapuranga.

Referência

PACHECO, Eliane de Souza Coutinho; SILVA, Karen Borges e. *A arte de benzer no município de Itapuranga: um saber ancestral*. Artigo. (Licenciatura plena em História). Unidade Universitária de Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

Fonte oral

Maria Fernandes, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (40 minutos).

Orozilda Rodrigues: a arte de fazer bolos e outras quitandas

Lucas Pires Ribeiro



Arquivo: Orozilda Rodrigues na Feira da Agricultura Familiar. Foto: Meire Ribeiro.

Orozilda de Almeida Rodrigues, 61 anos de idade, feirante e aposentada¹. Natural de Itapuranga-GO, residiu durante uma parte considerável de sua vida no meio rural do município. Mais precisamente, no Distrito de Lages, sendo proprietária de uma pequena porção de terra. Na propriedade, na condição de agricultora familiar, juntamente com dois filhos, uma filha e o ex-companheiro, plantava e colhia os gêneros alimentícios de primeira necessidade. Na região próxima ao Distrito de Lages, morou até o ano de 2009. Após esse período, mudou-se com toda a família para

¹ Entrevista realizada no mês de agosto de 2024, às 9 horas da manhã.

outra localidade rural do município de Itapuranga e, pouco tempo depois, passou a residir no espaço urbano.

A relação da senhora Ozilda Rodrigues com a arte da culinária iniciou-se no período da infância. Depois do falecimento da mãe, quando tinha nove anos de idade, a jovem assumiu a responsabilidade da preparação das refeições que seriam servidas à família. Sobre esse período e as dificuldades inerentes, a entrevistada disse que, para conseguir preparar as refeições, tinha que subir em uma cadeira para conseguir alcançar o fogão e ter condições de acompanhar o cozimento dos alimentos.

No entanto, a entrevistada advertiu que, nesse período, não tinha estabelecido o contato com a arte de fazer bolos e outras quitandas. O contato iniciou-se quando estabeleceu laços matrimoniais, aos 15 anos de idade. Diante do casamento, Ozilda Rodrigues mencionou que despertou uma curiosidade para a arte de fazer bolos. A palavra *curiosidade* não aparece de maneira fortuita, pelo contrário, surge como uma forma de explicar como se deu esse contato e suas primeiras experiências. Na entrevista, Ozilda mencionou que, quando iniciou na arte de fazer bolos, não teve ninguém que a ensinasse e, no mesmo ensejo, afirmou que não consultou nenhum livro de receitas. De maneira orgulhosa, disse que aprendeu a fazer bolos e outras quitandas sozinha, valendo-se da experiência do cotidiano.

A partir desse contato inicial, em meados da década de 1970, aprendendo com as experiências e experimentos na arte de fazer bolos, a senhora Ozilda Rodrigues não parou mais. Sentindo-se orgulhosa com a sua arte, disse que fazer bolos é uma das suas grandes paixões. Uma paixão que pode ser identificada na sua presença marcante, constante e histórica na Feira da Agricultura Familiar do município de Itapuranga. Ao ser indagada sobre o período no qual começou a comercializar os bolos e outras quitandas na Feira da Agricultura Familiar, a senhora Ozilda Rodrigues disse que há 26 anos participa da Feira, ou seja, o início da sua atividade enquanto feirante ocorreu no final da década de 1990.

Nesse contexto, juntamente com toda a família, residia na pequena porção de terra próxima ao Distrito de Lages. A senhora Orozilda mencionou que, quando decidiu fazer feira, o até então companheiro ficou reticente, ponderando que aquela iniciativa teria tudo para não prosperar. Após muito diálogo e capacidade de convencimento, a entrevistada, juntamente com o ex-companheiro, organizou os primeiros bolos e quitandas para serem comercializados na Feira da Agricultura Familiar. Nesse contexto, Orozilda Rodrigues era filiada à Associação dos Agricultores de Lages.

O transporte dos bolos e das quitandas, do Distrito de Lages até a feira, foi por meio de uma carroça. No primeiro dia de feira, a Senhora Orozilda disse que voltou para casa surpresa e muito contente, pelo fato de ter vendido todos os produtos que trouxe. Além da comercialização, afirmou que ficou muito satisfeita, porque os bolos e as quitandas foram muito elogiados pelas pessoas que adquiriram. Diante dessa recepção, mencionou que o ex-companheiro, antes reticente diante da iniciativa, passou a apoiá-la e acompanhá-la todas as quintas-feiras para a realização da Feira da Agricultura Familiar.

A relação da senhora Orozilda com a Feira da Agricultura Familiar, iniciada no final da década de 1990, teve alguns percalços. O principal deles esteve relacionado ao período da pandemia. Diante das circunstâncias, com a necessária interrupção das atividades, a senhora Orozilda disse que, apesar de compreender a necessidade de ficar em casa e não ter atividades na feira, sentiu um vazio profundo, especialmente porque não teve mais aquele contato próximo com a clientela. Além do contato, a entrevistada disse que sentiu falta da acolhida e dos elogios dos/das clientes aos bolos e quitandas que sempre procurou fazer com o maior carinho.

Quando do avanço da vacinação e, conseqüentemente, da diminuição dos efeitos da pandemia, houve o retorno das atividades da Feira da Agricultura Familiar. Ao retornar, a senhora Orozilda afirmou ter ficado muito alegre. Além da comercialização dos bolos e das quitandas, retomou o contato com os clientes, que,

com o passar dos anos, tornaram-se verdadeiros amigos e amigas. A partir da conversa com a entrevistada, percebe-se que a Feira da Agricultura Familiar proporciona uma rede de sociabilidade entre feirantes e consumidores.

Dentre os inúmeros bolos e quitandas que a Senhora Orozilda Rodrigues comercializa na Feira da Agricultura Familiar, destacam-se as tortas de frango, os pãezinhos recheados, os pães de queijo, as petas, as broas, os bolos de mandioca, o patê, os salgados e o caldo de frango. O patê e os pãezinhos recheados são os produtos prediletos dos clientes, tendo em vista que são os primeiros a serem comercializados. Orozilda Rodrigues disse que se sente muito orgulhosa, porque raramente volta para casa com alguma bandeja de produto. Geralmente, consegue comercializar tudo o que preparou com o maior carinho para a Feira da Agricultura Familiar.

Existe todo um trabalho artesanal na organização e na arte de fazer os bolos e as quitandas. Na entrevista, a senhora Orozilda mencionou que, geralmente, inicia os trabalhos na quarta-feira e intensifica as atividades na quinta-feira, procurando levar bolos e quitandas fresquinhos para serem consumidos pelos clientes. No dia específico da Feira da Agricultura Familiar, o trabalho se inicia à 1h da manhã com a preparação das massas, dos recheios, pelo fato de ter que levar parte considerável dessas quitandas para serem assadas. O processo é todo artesanal, já que as massas são assadas em dois fornos a lenha. Os fornos ficam localizados no fundo da casa da Senhora Orozilda. A entrevistada diz que inicia o trabalho à 1h da manhã e só retorna para casa por volta das 19 horas.

Apesar de todo o trabalho e do retorno financeiro diminuto, fazendo referência à filha Renata Rodrigues, companheira indispensável em todos os processos, da fabricação dos bolos, transporte e contribuição nas vendas, a senhora Orozilda disse que ser uma feirante é motivo de muito orgulho. Estando nessa condição há mais de 26 anos, disse que volta para casa, todas as quintas-feiras, cansada, mas muito contente com o contato estabelecido com os amigos e amigas que adquiriu com a venda de

seus produtos e, ao mesmo tempo, sente-se orgulhosa por saber que os bolos e as quitandas, produzidos com muito carinho, são elogiadas por tantas pessoas. Os elogios recebidos são motivos de muito orgulho para a senhora Orozilda Rodrigues.

Na condição de uma das feirantes pioneiras da Feira da Agricultura Familiar, a senhora Orozilda Rodrigues, representante da arte de fazer bolos e outras quitandas, indubitavelmente, é uma das referências culturais do município de Itapuranga-GO.

Considerações finais

O primeiro volume do livro *Inventário das Referências Culturais de Itapuranga* é o resultado de um esforço coletivo, envolvendo pesquisadores e pesquisadoras dos cursos de História e Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Durante a construção da obra, que demandou uma pesquisa documental e bibliográfica, além de entrevistas orais, compreendemos o quanto o município de Itapuranga, localizado no interior do estado de Goiás, possui histórias, memórias e saberes ancestrais que fazem parte da formação sociocultural do território no transcorrer do processo histórico.

No decorrer da pesquisa, ficou evidente que não seria possível apresentar um marco inicial da “história” do município de Itapuranga. O território sempre esteve ocupado pelos humanos, conforme conseguimos apresentar por meio da urna funerária de uma etnia indígena, Guará, que ocupava esse local, de acordo com as pesquisas antropológicas, há quase mil anos. O denominado “desenvolvimento” foi muito violento para com os povos originários no território goiano. No entanto, as etnias indígenas têm uma história permeada por muita resistência e uma defesa inquestionável dos valores, costumes, saberes, tradições e culturas. Destarte, quando visitamos o Museu Nello Bonone, na Unidade Universitária de Itapuranga, e nos deparamos com a urna funerária, sentimos a presença da etnia Guará entre nós.

O primeiro volume do livro *Inventário das Referências Culturais de Itapuranga* é marcado por espaços, monumentos, documentos e saberes ancestrais que existem, mas também reexistem às ações implicáveis do tempo. Os leitores e as leitoras tiveram a oportunidade de acompanhar prédios e outras edificações, patrimônios materiais, que fazem parte da construção da cidade de Itapuranga-GO. Muitas dessas edificações, infelizmente, não existem mais. Prédios, casas e outros espaços foram demolidos aos poucos para que o “desenvolvimento” capitalista tivesse condições de avançar sobre o território. Porém, a partir de uma pesquisa minuciosa, que contou com a contribuição de inúmeras pessoas da comunidade, resgatamos uma quantidade considerável de fotos e outras ilustrações que apresentam a beleza do patrimônio material de uma Itapuranga de antanho.

As fotos e a contextualização histórica evidenciam uma outra forma de organização social, revelando como as pessoas do município se relacionavam, como comercializavam produtos e estabeleciam as teias da sociabilidade. Acreditamos que muitos leitores e leitoras, quando folhearam as páginas, quando leram a contextualização histórica, resgataram, pelos fios da memória, essa Itapuranga de outros tempos. Se essa hipótese se sustentar, conseguimos alcançar um dos objetivos do primeiro volume, que se trata de costurar essa relação entre história e memória.

A relação entre história e memória encontra-se marcada por uma linha tênue. Entretanto, os laços não ficam restritos à história e à memória, podendo ser identificados na reciprocidade entre o passado e o tempo presente. Anteriormente, foi mencionado que o livro do *Inventário das Referências Culturais de Itapuranga* desnuda uma organização social e espacial de outrora. Porém, esse passado não fica restrito à sua temporalidade, deslocando-se para outros recortes temporais. Nesse sentido, defendemos a tese de que as histórias, os valores, os costumes e os saberes ancestrais de uma sociedade de antigamente estão muito presentes atualmente.

Tanto a presença quanto a permanência do passado do município de Itapuranga encontram representação nos saberes

ancestrais e nas práticas culturais dos humanos. Vocês, leitores e leitoras, identificaram a presença de uma pesquisa de campo na segunda parte do livro. A pesquisa ofereceu condições de entrevistarmos mulheres e homens que trazem consigo toda uma sabedoria transmitida de geração em geração. Uma sabedoria que, assim como “uma história” de Itapuranga, não tem uma temporalidade definida, e, portanto, não é mensurável. Durante a pesquisa de campo, fomos envolvidos pelas tramas da memória, das histórias e da ancestralidade de benzedeiias, dos contadores de causos, da quitandeira e do poeta popular.

Essas pessoas fazem parte do cotidiano do município de Itapuranga, participando ativamente dos valores e costumes inerentes ao contexto contemporâneo. Durante a pesquisa de campo, as mulheres e os homens, por meio dos causos, da poesia e dos rituais de benzer, nos apresentaram os saberes ancestrais, que tanto contribuíram e continuam contribuindo para contornarem inúmeros problemas da comunidade. Saberes que também nos inseriram no universo do lúdico, do imaginário e do encantamento proporcionado pelas narrativas artesanais. Tivemos o prazer de saborear os valores culturais de uma Itapuranga de antanho. Porém, se os valores estão inseridos no tempo presente, o passado não está distante de nós, pelo contrário.

Por último, desejamos que os leitores e as leitoras do primeiro volume do *Inventário das Referências Culturais de Itapuranga* possam se sentir partícipes das histórias, das memórias, dos saberes e dos costumes apresentados, afinal, uma parte considerável do patrimônio material e imaterial do município de Itapuranga encontra-se presente nas páginas do livro. Procuramos fazer uma pesquisa cuidadosa, que demandou tempo, dedicação e o envolvimento de inúmeras pessoas. O resultado, materializado no primeiro volume, apresenta para a comunidade um pouco das histórias e das memórias de um passado, que, parafraseando Walter Benjamin, está permeado de agoras

Referências

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª edição. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer o trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*. V. 10, n, 1, p. 11-27. jan/jun, 2007.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 13ª edição. São Paulo: Global, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.
- DÂNGELO, Newton (Org.). *História e cultura popular: saberes e linguagens*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa Lima. *Conto popular e comunidade narrativa*. 2ª edição. São Paulo: Terceira Margem; Recife: Fundaj, Massangana, 2005.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (Orgs.). *Caleidoscópio de saberes e práticas populares* (catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Uberlândia: EDUFU, 2007.
- PACHECO, Eliane de Souza Coutinho; SILVA, Karen Borges e. *A arte de benzer no município de Itapuranga: um saber ancestral*. Artigo. (Licenciatura plena em História). Unidade Universitária de Itapuranga, Universidade Estadual de Goiás, 2024.
- PESSOA, Jadir de Moraes. *Cultura Popular: gestos de ensinar e aprender*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SANTOS, Elísio dos; ROSSETTI, Regina (Orgs.). *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Fontes orais

Daniel Antônio, Entrevista. [mai.2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1. arquivo. mp3 (70 minutos).

Divina Leonardo, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (90 minutos).

Elza Parreira, Entrevista. [jun. 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (60 minutos).

João Basílio, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (60 minutos).

José Teodoro, entrevista. [jul, 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1. arquivo. mp3 (90 minutos).

Maria Fernandes, Entrevista. [fev.2024]. Entrevistadoras: Eliane de Souza Coutinho & Karen Borges e Silva. Itapuranga, 2024. 1 arquivo. mp3 (40 minutos).

Orozilda Rodrigues, Entrevista. [ago. 2024]. Entrevistador: Lucas Pires Ribeiro. Itapuranga, 2024. 1.arquivo. mp3 (60 minutos).

Sobre os autores e a autora



Valtuir Moreira da Silva, Doutor em História pela Universidade de Brasília (2007), Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (2001), Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, trabalha com as disciplinas de História da América I, Movimentos Sociais no Campo no Brasil e História do Brasil III. Coordena o projeto de extensão “Círculo de Estudo sobre Política (CEP) e o projeto de pesquisa “Inventário das Referências Culturais de Itapuranga”.



Lucas Pires Ribeiro, Doutor em História (UFG), Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa TECCER (UEG). Especialista em História do Imaginário e Literatura (FAI). Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga. Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Itapuranga e Coordenador Setorial do Curso de História.



Luana Nunes Martins de Lima, Doutora em Geografia pela Universidade de Brasília (2017). Mestre e licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2014). Especialista em História Cultural (2012) pela Universidade Federal de Goiás (2011). Graduada em Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (2008). Professora do curso de Geografia na Universidade Estadual de Goiás (UnU Itapuranga) e do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP).

Referenciar os bens da cultura material e imaterial de Itapuranga é fazer com que o povo se encontre com o seu passado de muitas representações. São muitas leituras que se fazem com muitas lacunas, mesmo porque, quanto mais avançamos nas pesquisas e estudos vamos encontrar mais evidências de que a ação humana nesta territorialidade está carregada de muitas intervenções, construções, edificações, sabores e saberes